

## AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail [recursoscontinuos@dirbi.ufu.br](mailto:recursoscontinuos@dirbi.ufu.br).

**KAITA QUEIROZ DE OLIVEIRA**

**CULTURA E CIDADE: A PRAÇA TUBAL VILELA NA  
MEMÓRIA E VIVÊNCIA DE MORADORES  
UBERLÂNDIA: 1940 - 2002**

Monografia apresentada como exigência  
parcial para obtenção do título de  
Bacharel em História, à Universidade  
Federal de Uberlândia, sob orientação do  
Prof<sup>o</sup>. Dr. Paulo Roberto de Almeida.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA - COHIS  
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco 1 Q (Antigo Mineirão)  
AV. UNIVERSITÁRIA S/N.  
38400-902 - UBERLÂNDIA - M.G. — BRASIL



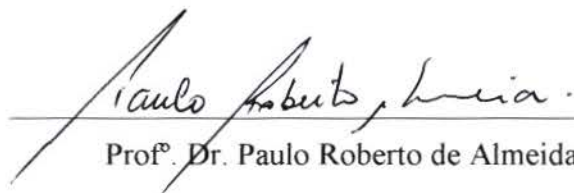
UBERLÂNDIA

2002

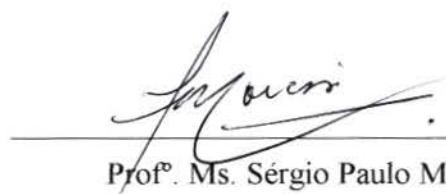
1682

S. 19  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA - COHIS  
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco 1 Q (Antigo Mineirão)  
AV. UNIVERSITÁRIA S/N.  
38400-902 - UBERLÂNDIA - M.G. — BRASIL

**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof.<sup>o</sup> Dr. Paulo Roberto de Almeida.

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Célia Rocha Calvo.

  
Prof.<sup>o</sup> Ms. Sérgio Paulo Moraes.

## *AGRADECIMENTOS*

Este trabalho não teria sido realizado sem o auxílio e apoio de muitas pessoas, portanto, agradeço a todos que direta ou indiretamente me ajudaram.

Agradeço imensamente ao Prof<sup>o</sup>. Dr. Paulo Roberto de Almeida, meu Orientador, por ter acreditado no meu trabalho.

À todos os Professores do Curso de História da Universidade Federal de Uberlândia, pois a todos devo a minha formação, em especial à Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Heloísa Helena Pacheco Cardoso, quem primeiramente me mostrou algumas possibilidades de seguir com esse trabalho.

À Banca Examinadora, formada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Célia Rocha Calvo e pelo Prof<sup>o</sup>. Ms. Sérgio Paulo Moraes, que se dispuseram a analisar este trabalho.

Ao João Batista, pela eficiência, boa vontade e paciência com que sempre me atendeu.

Ao Fernando Rosa, pelo carinho de sempre.

À Kênia, a meiguice em pessoa, pela amizade e pela forma com que sempre se preocupou comigo, tentando ajudar no que podia.

Ao Sérgio, pelas muitas brincadeiras, alegrias e por todas as vezes que me fez sorrir na sua presença.

À Rejane, pela amizade, pelas conversas e por todas as vezes que me esclareceu tantas dúvidas.

Ao Larry Andrews, pela amizade e por todas as vezes que tentou me acalmar antes de um seminário dizendo: “de boa, Kaitinha”.

À Marisa, que descobri ser uma pessoa maravilhosa, pelas muitas histórias engraçadas e pelas trocas de idéias.

Ao Josué Velasco, uma pessoa muitíssimo especial, com quem pude contar cada minuto desde o dia que o conheci. Agradeço principalmente por não ter me deixado desistir e por todas as vezes que me disse: “você vai conseguir”.

Ao Adonile, que estive sempre tão perto até quando eu não sabia.

À Raquel, minha amiga do coração, por ter estado sempre do meu lado, desde que a conheci no início do curso. Agradeço por todas as vezes que sorriu comigo, que se entristeceu comigo, que chorou comigo, que se alegrou comigo... enfim, por ter me escutado e me compreendido sempre.

À minha mãe e às minhas irmãs por terem me ajudado tanto, compreendendo quando eu precisava estudar.

Ninguém passa pelas nossas vidas, sem deixar um pouco de si e levar um pouco de nós. Portanto, agradeço também a todos os outros colegas com quem passei esses cinco anos, por terem me proporcionado tantas alegrias e aprendizado.

*Kaita Queiroz de Oliveira.*

*Aos meus pais, que  
fizeram de mim a  
pessoa que sou.*

## **SUMÁRIO:**

|                         |           |
|-------------------------|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b> | <b>07</b> |
|-------------------------|-----------|

### **CAPÍTULO I**

|                                                                          |           |
|--------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>A PRAÇA TUBAL VILELA NA MEMÓRIA<br/>E VIVÊNCIA DE MORADORES .....</b> | <b>17</b> |
|--------------------------------------------------------------------------|-----------|

### **CAPÍTULO II**

|                                                                               |           |
|-------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>A PRAÇA TUBAL VILELA COMO EXPRESSÃO<br/>DAS CONTRADIÇÕES URBANAS .....</b> | <b>42</b> |
|-------------------------------------------------------------------------------|-----------|

|                                   |           |
|-----------------------------------|-----------|
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b> | <b>61</b> |
|-----------------------------------|-----------|

|                     |           |
|---------------------|-----------|
| <b>FONTES .....</b> | <b>63</b> |
|---------------------|-----------|

|                           |           |
|---------------------------|-----------|
| <b>BIBLIOGRAFIA .....</b> | <b>66</b> |
|---------------------------|-----------|

## INTRODUÇÃO:

A vida da Praça Tubal Vilela começa com o amanhecer. Antes mesmo do sol nascer, já estão ali as pessoas responsáveis pela limpeza e por cuidar da beleza estética da praça.

O ponto de ônibus, ainda bem cedo, conta somente com poucas pessoas, mas ao começar o funcionamento do comércio, essa praça nem parece a mesma.

Pessoas de todos os bairros por motivos vários, descem na praça e cada um segue o seu caminho, calma ou apressadamente. Quando o sol ainda não está tão quente, começamos a perceber a chegada dos senhores de idade que vão para o local ler o jornal, tomar o sol da manhã, conversar com os amigos, jogar damas, em resumo, se distrair.

Ao lado disso, ainda bem cedo começa a despertar também a figura do trabalhador, que inicia a sua tarefa de ganhar o sustento da família.

O barulho não só das várias conversas, dos gritos de vendedores chamando os fregueses, como também o barulho dos automóveis, começa a fazer parte daquele espaço.

Começa mais um dia. A praça já está quase com todos os seus personagens, se for citado agora, a figura dos desempregados que procuram as bancas de revista, para comprar o jornal com o anúncio de empregos, dos vagabundos, dos andarilhos, dos mendigos, dos pedintes, das ciganas, etc.

O dia passa e quando cai a tarde, é como se tudo e todos fossem se escondendo. Os senhores aposentados, são sempre os primeiros a se retirarem. O comércio fecha, os vendedores vão embora depois de mais um dia exaustivo.

Os ônibus levam de volta para casa os que estão no ponto à sua espera. A praça vai aos poucos se tornando deserta, de forma tal, que só ficam no local, os que dormem por ali mesmo e nesse momento, somente algumas poucas pessoas cruzam a praça, talvez porque a maioria têm receio ou acham perigoso.

Os primeiros registros históricos da Praça Tubal Vilela, nos ajudam a entender como o seu espaço foi sendo cotidianamente construído e utilizado.

O local onde está localizada a Praça Tubal Vilela hoje, no ano de 2002, já havia sido destinado à construção de uma praça desde o início do Século XX.

Até 1915, o espaço era utilizado como campo de futebol. Por volta de 1920, a praça passa por um tratamento paisagístico, mas até meados das décadas de 30 e 40, era popularmente chamada de Praça dos Bambus, em detrimento da plantação de bambuzais que existiam no local.<sup>1</sup>

Em 1938 foi realizada a reformulação dessa praça, que foi inaugurada com o nome de Praça Benedito Valadares. E de acordo com Calvo: “... por ocasião da comemoração do aniversário da cidade, em 1941, passou a ser chamada Praça da República, quando foi inaugurada a fonte luminosa.”<sup>2</sup>

À partir de 1959, a praça começa a passar por mais uma remodelação e quando é inaugurada em 1962, recebe o nome de Praça Tubal Vilela, que se consistiu numa homenagem ao ex-prefeito da cidade, que teve sua gestão nos anos de 1951-1955, Tubal Vilela da Silva, por reconhecimento aos serviços prestados por ele, tanto como prefeito, quanto como empresário.

De acordo com a obra de Guerra: “(...) A praça vai ser inaugurada no aniversário da cidade em 31 de Agosto de 1962.”<sup>3</sup>

A Praça Tubal Vilela é localizada no centro de Uberlândia e se tornou uma referência na cidade. Como constatou Guerra:

A Praça se encontra delimitada à noroeste pela avenida Afonso Pena, à sudeste pela avenida Floriano Peixoto, duas avenidas importantes na cidade à nível de circulação, comércio e serviços, à sudoeste pela rua Olegário Maciel..., e à nordeste pela rua Duque de Caxias...<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Informações sobre os antigos nomes e a cronologia de construção da Praça Tubal Vilela, foram conseguidas no Arquivo Público Municipal, em uma Exposição de Fotos sobre a referida Praça, realizada em Uberlândia no mês de Abril de 2000.

<sup>2</sup> CALVO, Célia Rocha. *Muitas Memórias e Histórias de uma Cidade: Experiências e Lembranças de Viveres Urbanos – Uberlândia 1938-1990*. São Paulo: Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Estudos Pós-Graduados em História Social, PUC – SP, 2001, p. 172.

<sup>3</sup> GUERRA, Maria Eliza Alves. *As Praças Modernas de João Jorge Coury no Triângulo Mineiro*. São Carlos: Dissertação de Mestrado. Escola de Engenharia de São Carlos – USP, 1998, p.129.

<sup>4</sup> Idem, p. 124 e 125.

Essas quatro ruas que estão ligadas à Praça Tubal Vilela, contribuem efetivamente para a constante movimentação de pessoas naquele local, por abrigar importantes prédios, comércios e bancos.

Na avenida Floriano Peixoto, em frente à praça, os principais pontos são as Lojas Americanas, o Banco Itaú e o Hotel Presidente. Na avenida Afonso Pena tem-se a Cristal Perfumaria, a Ritz e as Lojas Mig.

Na rua Olegário Maciel tem-se o Hotel Park e também o Colégio Estadual Bueno Brandão, o antigo Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão, primeiro Grupo Escolar da cidade, inaugurado em fevereiro de 1915. Foi demolido em 1963, dando início logo após, à construção do prédio atual.<sup>5</sup>

Já na rua Duque de Caxias, os principais comércios são a Riachuelo, a Caixa Econômica Federal, sem contar com a importantíssima construção da Matriz Santa Terezinha, que foi inaugurada em 25 de dezembro de 1941.<sup>6</sup>

Embora tenha passado por várias reformas, o traçado da Praça Tubal Vilela ainda permanece o mesmo. Como vimos, o comércio em sua volta é bastante diversificado e embora tenha se expandido para outras áreas, isto não impediu que o local ainda fosse considerado um dos principais pontos de referência da cidade, o cartão-postal.

Atualmente, o local também é ponto de comércio informal. Há um grande número de vendedores espalhados pelos quatro passeios da praça. Esse comércio inclui vendedores de cachorro-quente, pipoca, salgados, quitandas caseiras, algodão-doce, bijuterias, ervas medicinais, vales transporte, azulzinha (jogo), dentre outros.

Além desses, existe uma Banca de Revista em cada esquina da praça, e tem-se também a presença das ciganas que utilizam a praça como meio de trabalho, lendo a sorte dos passantes, que aliás, são esses que dão à praça o movimento que possui.

Esse comércio informal que hoje existe na praça, está mais restrito depois que algumas medidas foram impostas pelo poder público, para retirar dali a grande

---

<sup>5</sup> As informações sobre as antigas construções que se localizam próximo à Praça Tubal Vilela, foram conseguidas no Arquivo Público Municipal, em uma Exposição de Fotos sobre a referida Praça, realizada em Uberlândia, no mês de Abril de 2000.

<sup>6</sup> Idem.

quantidade de vendedores ambulantes, que para esse poder estava tirando a beleza da praça.

Isso pode ser constatado em uma nota, que foi destaque no Jornal Correio, no dia 30 de março de 2001.

A Praça Tubal Vilela voltou a ser um “mercado persa”, com um grande número de vendedores ambulantes espalhados pelos quatro passeios externos. Esse visual da praça já foi registrado há 10 anos, quando a Prefeitura retirou os comerciantes do local, transferindo-os para um setor mais apropriado. Com o passar dos anos, aos poucos, os vendedores foram retornando à praça, que continua sendo um cartão-postal de Uberlândia. Nos últimos dias, cresceram os rumores de que a Prefeitura já tem um plano elaborado para a retirada dos vendedores ambulantes da Praça Tubal Vilela, inclusive com data já determinada para que o deslocamento para outro setor seja efetivado.<sup>7</sup>

A preocupação da Prefeitura, de acordo com o Jornal era instalar adequadamente os camelôs e impedir que novos comerciantes fossem para o local o que poderia provocar um “inchaço” de camelôs na praça.

Sem sombra de dúvida, essa reportagem e também o fato desses trabalhadores estarem na praça, expressam as contradições sociais e econômicas da cidade de Uberlândia.

Na praça estão representadas as reivindicações, os sonhos, as angústias e os prazeres da sociedade. Ela se evidencia como forma de concretizar as socialidades vividas pelos diversos segmentos sociais. Dessa forma, como nos diz Guerra:

... a praça não é apenas uma extensão espacial: ela corresponde a um significado social, correlato do próprio espírito da cidade onde se insere.(...) A praça neste espaço acima de tudo é um lugar de integração do espaço público, um local estratégico para quebrar a continuidade das edificações, mas ao mesmo tempo ela é, em certo sentido, a essência da cidade.<sup>8</sup>

<sup>7</sup> **CORREIO DE UBERLÂNDIA**, Uberlândia: exemplar do dia 30 de março de 2001, p. B-1.

<sup>8</sup> GUERRA, Maria Eliza Alves. Op. cit., p. 05

Se caminharmos pela praça, é possível destacarmos vários significados na sua existência, assim como conhecermos suas formas de utilização, histórias que revelam hábitos e costumes, não só do antes, mas também do agora, que se destacam na convivência que existe ali.

É possível perceber que a praça, é o lugar dos encontros pessoais e também de negócios, de descanso das pessoas, de trabalho e também de lazer e diversão. As práticas existentes neste lugar, sempre estiveram ligadas aos modos de viver a cidade, modos esses que se alteram com o tempo e com as novas práticas que vão surgindo, de acordo com o que as pessoas vão encontrando novas saídas para viver e sobreviver. Portanto, o espaço da praça está sempre em constante transformação acompanhando o ritmo e a necessidade dos moradores.

A praça é um ambiente criado pela própria população e sempre adequado às suas necessidades, de forma que cada indivíduo se sente protagonista da sua história.

A Praça Tubal Vilela é localizada numa via estratégica e quase obrigatória de passagem, pois fica no centro da cidade, onde se tem hoje, no passeio da avenida Afonso Pena, um utilizadíssimo ponto de ônibus. Nesse local passam os ônibus da maioria dos bairros da cidade, portanto, para muitos, a praça é uma passagem obrigatória tanto de ida para o trabalho, quanto de retorno para casa.

E como existe ali de frente o Colégio Bueno Brandão e também a Matriz Santa Terezinha, a praça mais uma vez é local de passagem e de encontro, tanto dos devotos que freqüentam as missas, quanto dos estudantes após o horário escolar.

Quase no centro da praça existe um Posto Policial, com o objetivo de cuidar da segurança das pessoas que ali se encontram. A sua implantação é devido ao grande aumento da violência e até mesmo, do número de assaltos que hoje fazem parte da realidade de vários centros urbanos, como também da cidade de Uberlândia.

A Praça Tubal Vilela tem na extremidade da rua Duque de Caxias e também da rua Olegário Maciel, dois pontos de taxi, os quais são conhecidíssimos pela população, além de ser uma das formas alternativas de trabalho que são encontradas no seio desta praça.

No geral, na Praça Tubal Vilela podemos encontrar várias realidades de vida. Pessoas que têm sua forma alternativa de trabalho ali, pessoas que dormem nos

bancos, nas calçadas, pessoas que apenas passam, que se encontram, ciganas que lêem a sorte dos passantes e muito mais.

Em meio a tanta diversidade, é preciso destacar também que a praça continua sendo um espaço de lazer. Isso porque ainda encontramos no local, pessoas idosas que se reúnem para conversarem com os amigos, para se divertirem com o jogo de damas que existe desenhado em alguns dos bancos da praça e também simplesmente para lerem o seu jornal todas as manhãs ou tomar um pouco de sol.

Esses senhores são homens dos seus 60, 70 anos, e portanto, a maioria são aposentados. Nas palavras de Calvo:

(...) Para muitos, freqüentar essa praça é uma maneira de manter viva as relações que foram constituindo na cidade, nas conversas com os amigos da mesma geração ou mesmo desconhecidos que usam o mesmo banco, enquanto esperam o horário dos comércios e dos bancos.<sup>9</sup>

Com o passar do tempo foram ocorrendo fortes mudanças na sociedade, com relação à violência, à marginalidade e à criminalidade. Isso tudo fez com que a Praça Tubal Vilela, assim como a maioria das praças, ficasse vazia à noite depois de um certo horário. Isso porque as pessoas começaram a ter um certo receio em caminhar por um lugar que à noite pode ser considerado quase deserto, se comparado ao número de pessoas que a freqüentam durante o horário comercial.

Diante de todas essas informações, é sobre essa Praça Tubal Vilela, com todos os seus valores, defeitos, qualidades e significados, que pretendo seguir com este estudo.

Para tanto, o principal objetivo é saber como a população vê e sente essa praça, qual o significado que ela possui, tanto para as pessoas que a conhecem a pouco tempo, como também para quem tem muitas histórias para contar, sobre o lugar em que talvez passaram parte da juventude e que se hoje não se identificam mais com as práticas sociais que existem ali, talvez um dia o tenham feito e que portanto, podem ter

---

<sup>9</sup> CALVO, Célia Rocha. Op. Cit., p. 177.

lembranças saudosistas, tristes, alegres, melancólicas ou talvez sentimentos de perda, de revolta e até decepção.

Com relação ao significado que a Praça Tubal Vilela possui para os moradores, pretendo me voltar principalmente para os pedestres que usam diariamente o ponto de ônibus, para os taxistas que têm seu ponto de trabalho na praça, para os vendedores que são presença constante nesse local, retratando as contradições sociais da cidade e também me voltar para a questão da utilização da praça como espaço de lazer, pois como já foi citado, ainda existem pessoas que vão à praça com essa finalidade.

Para a realização deste trabalho, utilizo como fonte de pesquisa a história oral. Acredito que para se trabalhar um tema como a Praça Tubal Vilela, numa tentativa de apreender o seu sentido e significado, a entrevista é uma técnica de pesquisa imprescindível.

Julgo que, através da entrevista, terei a possibilidade de um contato mais próximo com as pessoas e, portanto, poderei através dela, conhecer um pouco mais dos sentimentos dos entrevistados e também do que eles possuem guardado em suas lembranças sobre essa praça, já que esta passou por várias mudanças, que sabemos não foram somente físicas, pois a partir do momento em que a cidade foi se desenvolvendo, as práticas e as formas de utilização dessa praça também se alteraram, e porque não dizer também, que elas foram sendo substituídas por outras, ligadas à vida na “cidade grande”.

Com esse propósito, entrevistei moradores que ficam na praça trabalhando ou se distraíndo e também os que somente passam pelo local, para saber como vêem a praça, o significado que ela tem. Entrevistei também pessoas que a conhecem a muito tempo e que portanto, têm lembranças de “como era a praça”.

Procurei sentar em um dos bancos da praça somente com a intenção de observar as pessoas passarem por ali. Ao fazer isso, me peguei querendo saber o que se passava pelo pensamento das pessoas que encontrei, isso porque é possível ver uma imensa quantidade de expressões, de jeitos de caminhar, de intenções, de preocupações, dentre outros.

Pessoas que passam apressadamente, quem sabe atrasadas para o trabalho, atrasadas para um encontro marcado com alguém, pressa para conseguir chegar ao banco antes que este feche, pressa de voltar para casa, muitas vezes correndo para não

perder o ônibus, enfim, todo tipo de pressa que pode existir no centro de uma cidade em que a maioria das pessoas estão na correria de trabalhar e ganhar a vida.

Há também aquelas que passam sem pressa nenhuma, que ali passeiam, andam, conversam com um e outro, talvez porque moram próximo à praça, trabalham ou possuem algum comércio ali perto. Vemos também as pessoas que por passar na praça todos os dias, deixa transparecer que nem prestam atenção no que está em volta, passam fazendo da mesma um atalho, uma rua qualquer.

Muitas vezes vemos mães que passam com suas crianças, segurando em suas mãos, andando ora devagar, ora apressadamente, com sacolas ou embrulhos, talvez compras feitas no centro da cidade. E muitas vezes também nervosas porque as crianças começam a correr e não as esperam, ora crianças que choram por causa de um picolé, por querer uma pipoca, um algodão doce e que os pais nem sempre podem pagar. Digo não podem pagar porque naquela praça vemos pessoas que possuem as mais diversas situações financeiras. Passam por ali as pessoas com boa situação econômica, as que têm dificuldades e que por isso não podem atender todos os caprichos dos filhos e há também mendigos e pedintes, presenças que expressam as realidades sociais da cidade de Uberlândia.

Pessoas muito bem vestidas, roupas sociais, pastas executivas, gravata e celular na cintura; os que se vestem de forma mais esporte e por que não citar, os maltrapilhos. Podemos identificar também as pessoas uniformizadas, usando o uniforme do local onde trabalham, como os funcionários das Lojas Americanas, Lojas Pernambucanas, Riachuelo, Textil Abril, Demanos, que são as mais próximas, mas que também existem outras.

Tais funcionários, estão sempre ali por utilizarem o ponto de ônibus ou às vezes porque em horário de almoço ou lanche, ficam sentados na praça até chegar a hora de voltar ao trabalho.

Por curiosidade fui em uma das Bancas de Revista da praça e procurei observar os cartões-postais da praça, que estão à venda.

É claro que possuem imagens muito bonitas, mas foi aí que percebi que nesses cartões a praça se iguala à maioria, com muitas árvores, bancos e pessoas caminhando. Porém nesses cartões a praça é mostrada sem particularidade, pois não está expresso ali as vivências, as práticas sociais, os sentimentos, a forma de utilização da mesma, as

preferências, as saudades de como era antigamente, o que só foi conseguido graças à boa vontade de simpáticos entrevistados.

Todas as entrevistas foram feitas na própria praça, o que achei mais viável, tanto para mim que por trabalhar não podia me dispor de muito tempo para realizá-las e também para os entrevistados, que não precisaram de me dedicar ainda mais do seu tempo, para responder minhas questões.

Nas entrevistas procurei não fazer perguntas objetivas e deixar que o entrevistado falasse livremente de como vê a praça, das diferenças do antes e do agora percebidas por eles, do que acontece naquele espaço, do que ele gosta ou não, das suas lembranças e saudades ligadas ao tempo em que ia passear na praça, enfim, a vontade de falar se firmou em todos os depoimentos, pois procurei não delimitar a opinião e a vontade de contar histórias, já com a intenção de poder escrever sobre as memórias e vivências desses moradores.

Portanto, a seleção dos entrevistados levou em consideração as informações que podiam ser conseguidas para auxiliar neste estudo e também a disposição dos mesmos, pois alguns estavam no seu horário de trabalho.

Somente após ter tido contato com alguns desses depoentes, foi que percebi o quanto a Praça Tubal Vilela é querida pelos moradores desta cidade e também o quanto ela deixou de ser para alguns, aquela praça em que se podia passear à noite, namorar, se divertir com a família e fazer dela um espaço de lazer.

Em virtude do crescimento da cidade, a Praça Tubal Vilela que antes era o principal espaço de socialização, um local visitado por mães com suas crianças, um local que era considerado de diversão para toda a família, passou a ser tão movimentada que tais práticas não cabem mais ali.

No primeiro Capítulo “A Praça Tubal Vilela na memória e vivência de moradores”, busco trabalhar com as memórias e as lembranças que fui conhecendo a cada entrevista, mostrando como era a praça, do que se sente falta, das saudades, tudo isso vinculado ao modo de viver a cidade, que está estreitamente ligado às práticas sociais que existem na praça.

No segundo Capítulo “A Praça Tubal Vilela como expressão das contradições urbanas”, me volto mais para o presente, ao que se pode encontrar hoje nessa praça, que sem dúvida, é uma paisagem que inclui segmentos sociais diferentes, com necessidades diferentes, que vão para a praça ganhar a vida, trabalhando ou pedindo esmolas.

A praça é situada aqui como o lugar principal, em que a sociedade talvez sem perceber, grita suas dificuldades, expressa e mostra suas angústias, fraquezas, necessidades e sonhos.

## **CAPÍTULO I**

### **A PRAÇA TUBAL VILELA, NA MEMÓRIA E VIVÊNCIA DE MORADORES**

Era o lugar dos encontros e descanso das pessoas, do cruzamento de atividades e interesses ligados ao trabalho, como também de divertimento. Práticas que imprimiam a esse lugar um ritmo e regularidade, que demarcava o sentido de permanência no tempo da vida social, nos modos de viver a cidade, que foram apagados da paisagem devido às mudanças.

Célia Rocha Calvo.

Neste capítulo, trabalho com o significado da Praça Tubal Vilela, significado esse, que está ligado à memória de moradores e também às suas vivências no local.

Com esse intuito, utilizo o diálogo que tive com alguns desses moradores, em forma de entrevista, para saber como era a praça, quais as lembranças que se têm da mesma, como a vêem hoje, do que sentem saudade e saber também, como eram as práticas sociais que ali existiam e que ainda guardam na memória.

Assim, tento perceber o que essa praça representa para os moradores, ou seja, o sentido que dão à ela. Esse sentido é claro, se altera de pessoa para pessoa, pois depende da forma com que dão valor à praça e da forma como a utilizam.

Procurei entrevistar as pessoas que trabalham na praça, as que passam pelo local e também alguns senhores de idade que a utilizam como espaço de lazer, que

aliás, foram esses que puderam me mostrar e contar as antigas histórias da praça, que ainda guardam na memória com muita saudade.

Uma das pessoas que entrevistei foi Idelva, 27 anos. Ao contar à ela que precisava saber como ela vê a Praça Tubal Vilela, se pôs muito disposta a me contar como conheceu a praça quando ainda era criança.

Muito receptiva e simpática, Idelva demonstrou muito interesse pelo meu trabalho, enfatizando que ele é muito necessário. Na verdade a minha presença ali do seu lado com o gravador, era para ela a oportunidade de falar tudo o que achava necessário sobre a praça, contando o que mudou, o que precisa mudar, informando sobre as coisas boas e ruins que acontecem ali. Muito falante e desembaraçada, não demonstrou nenhum receio em expor seu ponto de vista, pelo contrário, acredita que se todos tivessem a oportunidade de falar e tivesse alguém para ouvir as queixas, o ambiente da praça poderia ser melhorado.

É possível perceber no seu olhar e nos seus gestos uma tristeza, uma decepção ou até mesmo uma certa revolta, quando compara a Praça Tubal Vilela que conheceu na época em que ia brincar com os irmãos quando criança, com a praça de hoje que para ela perdeu o seu sentido, pois acredita que essa praça só tem perdido, tanto na beleza, quanto nas práticas sociais que existiram ali.

Eu sou de Uberlândia, eu nasci aqui. Eu sou do tempo que esse centro aqui, bom, minha época não, mas a época da minha mãe, que esse centro aqui era um cerrado, sabe? Era água passando aqui, não tinha encanamento. A minha mãe que conta isso, né?( ...) A Praça Tubal Vilela durante muito tempo ela foi bem melhor do que é hoje, ela já passou por um período que servia de lazer realmente. As pessoas vinham pra Praça, brincavam, tinha uma fonte, né? ... que jorrava água, então... era muita diversão, era muita!

Eu lembro que quando a gente era mais garoto a gente vinha pra cá, nossos pais trazia a gente pra cá, então a gente brincava muito e hoje a realidade da Praça não é essa mais. (...)

E os eventos que tinha aqui! Os eventos sabe? É... cê via gente brincando, era palhaço correndo... e isso é verdade, isso era do meu tempo mesmo, porque meus pais trazia a gente aqui, nós somos três irmãos, então a gente lembra muito disso aqui, agora hoje... assim... lembrar desse tempo pra hoje... Então assim... eh... cê lembrar de tudo que aconteceu antigamente..., tinha um palhaço que ficava aqui na

Praça, sabe? Então ele ficava com uma criança, ia numa mãe, ia noutra, pegava os meninos e, então..., aquilo era um sonho.<sup>1</sup>

Nas palavras da Idelva fica expresso a forma como ela tenta me convencer da veracidade do que está contando: “*e isso é verdade*”, talvez essa sua preocupação se deva ao fato de que a praça que conhecemos hoje, realmente não possua mais as características enfatizadas por ela. O fato de ter na sua infância, visitado e brincado na Praça Tubal Vilela tantas vezes com seus irmãos, quando eram levados por seus pais, é lembrado por Idelva com muita saudade, pois esta é uma prática que para ela já não existe na Praça.

Quem passa pela Praça Tubal Vilela, com certeza não encontra pais que levam os filhos para passear. As crianças que são vistas lá, são as que estão acompanhadas pelos pais, mas de passagem e que no máximo sentam nos bancos da praça para talvez descansar ou esperar por algo ou alguém.

A forma como Idelva fala da Praça Tubal Vilela se refere ao sentido de perda. Perdas de práticas que acompanharam a sua infância. Ir brincar naquela praça, passear nas grandes lojas do centro, como as Lojas Americanas ou ir ao Cinema, com certeza era uma prática de lazer de muitas outras crianças, da mesma forma como era para Idelva.

... é uma praça bonita, pra mim é uma das praças mais bonitas que tem, sabe? É, no caso do jeito assim de cê olhar antigamente e olhar hoje a Tubal Vilela, não existe... Antigamente olha: vamos na Tubal Vilela, vamos na Americana, vamos ali nos cinemas ali perto. Era tudo perto e era tudo muito bonito, era cheio de gente, sabe? Tinha muita luz, era enfeitada.<sup>2</sup>

Esse “cheio de gente” dito por Idelva, se refere às pessoas que iam para a praça para se divertir, pois na sua visão, a Praça Tubal Vilela apesar de continuar sendo muito bonita, hoje é muito mais um local de comércio.

<sup>1</sup> **Idelva Aparecida da Cruz**, 27 anos, nascida em Uberlândia. Trabalha há cinco anos como vendedora, na Livraria Espírita Chico Xavier. Esta livraria é móvel, ou seja, é montada dentro de um ônibus, que segundo ela a mais ou menos dezoito anos está estacionado na Praça Tubal Vilela. A entrevista foi realizada no seu local de trabalho, no dia 19/02/2002. Fita nº 02/11.

<sup>2</sup> Idem.

Olha é lastimável! É até triste cê lembra desse tempo e olhar hoje... Não é mais a mesma coisa. Acabou! Não tem diversão. Hoje a Praça Tubal Vilela é um ponto de encontro assim... pra comercializar, pra é... no caso assim, pra tratar de negócios, agora pra diversão ninguém vem aqui mais... Então é triste. A história da Tubal Vilela é triste. Hoje é triste!<sup>3</sup>

A comparação feita por Idelva, mostra que para ela o sentido verdadeiro de praça é o que conheceu quando criança. Ao se deparar com uma praça que se tornou um local de comércio, em que muitas pessoas se encontram para tratar de negócios, para trabalhar e ganhar a vida, ela percebe que a praça só tem perdido sua principal característica, de forma que ao se lembrar da sua infância para fazer tais comparações, não consegue se livrar do sentimento de tristeza e saudade.

Quase no fim da entrevista a própria Idelva fez de certa forma uma conclusão de tudo que havia me falado. Me pareceu que nem ela mesma tinha parado para pensar a situação dessa praça até então e depois de ter relatado tantos episódios e ter feito críticas e comparações ela disse:

A gente fala assim: ah, é muita crítica em cima da praça, é isso é aquilo. Mas não é! Pra quem viu a praça uns anos atrás é vê essa praça hoje, ela não pode nem ser considerada praça. Pode por fato de ser arborizada e tudo, mas cê não vê pessoas sentando, conversando descontraidamente.<sup>4</sup>

Para ela, o lado bom da praça e tudo o que ela já viveu ou viu ali, não existe mais. Se algum dia a praça chamou a atenção das pessoas, não é mais o que acontece hoje e acrescentou:

E outra coisa, ela não tem muitos atrativos hoje. A praça não tem atrativo hoje! (...) Eu vou te falar uma coisa, pra mim como Uberlandense, que nasci, cresci aqui, é assim... muito triste falar da praça dessa forma, sabe? (...) Eu queria tá falando da praça não igual antigamente porque antigamente não tem como, mas pelo menos que se adaptasse, que não morresse! (...) Porque praça é isso! praça é isso! E chama muita gente pro comércio, acho que tira um pouco o pessoal de dentro das casas, de dentro dos prédios, porque o pessoal... hoje tem muita gente estressado, com

<sup>3</sup> Idem.

<sup>4</sup> Idem.

depressão, por quê? Porque às vezes a pessoa fica só fechado, trancado não tem um lugar pra ir. Então quê que acontece? Não tem nem uma Praça Tubal Vilela pra ir mais.<sup>5</sup>

Idelva desabafa e quando diz que é triste falar da praça dessa forma, é possível ver isso em suas expressões. Ela tem consciência de que praça nunca vai voltar a ser como ela conheceu nos tempos de criança, mas julga que ela deveria receber mais atenção, no sentido de atrair as pessoas de alguma forma e que não se deixasse simplesmente, que a praça se tornasse um lugar onde não queiramos mais ir ou passar.

Por ter consciência de que a realidade de Uberlândia é outra, no sentido de que hoje a vida das pessoas está muito ligada ao trabalho, à correria do dia-a-dia e que o resultado disso é o estresse, a depressão, ela se preocupa no sentido de que se a praça não for bem cuidada, as pessoas não terão um lugar agradável para passar uma tarde de domingo por exemplo.

Para quem conhece a cidade de Uberlândia, realmente sabe que a Praça Tubal Vilela é uma referência. Isso pode ser percebido até mesmo na hora de pedir uma informação em que recebemos como resposta: “sabe onde fica a Tubal Vilela?” ou então ao se marcar um encontro: “te espero na Tubal Vilela em tal ponto”. É muito difícil ir ao centro da cidade e não passar a conhecer essa praça. Idelva reconhece que a Praça Tubal Vilela, apesar de todos os novos pontos da cidade ainda é uma referência.

... todo mundo conhece a Tubal Vilela, mesmo com o Center Shopping aí, com o Carrefour, com tudo, continua sendo a Tubal Vilela. É conhecidíssima, todo mundo conhece. É cartão postal. É Cartão Postal! Então assim... por que não se cuidar mais? Por que não se voltar o que era antes?<sup>6</sup>

O senhor João Carlos, 69 anos, reside no centro da cidade. Veio para Uberlândia a mais de cinquenta anos, trabalha como motorista em um dos pontos de taxi da praça há 39 anos. Um senhor muito educado, me recebeu muito bem e demonstrou muita confiança nas suas palavras e opiniões.

---

<sup>5</sup> Idem.

<sup>6</sup> Idem.

Procurou mostrar que é um grande conhecedor, tanto da praça, quanto de Uberlândia, já que veio para a cidade em 1955.

Usa um tom de voz confiante ao explicar as mudanças pelas quais a praça vem passando nos 39 anos que trabalha no local. Fala de forma lamentável o quanto a praça já foi melhor para se trabalhar, para se divertir e passear.

Ao lembrar das boas práticas que já viu ali, como por exemplo, famílias com suas crianças, músicas, festas, demonstra sentir tristeza e saudade ao mesmo tempo ao perceber o quanto a praça perdeu o sentido de lazer que foi conhecido por ele.

Ao ser interrogado se houve mudanças na Tubal Vilela pelo tempo que a conhece, afirma que houve mudanças enormes.

Mudança enorme, uma mudança enorme, isso foi questão da evolução, da cidade crescer, parece que o movimento maior tá na periferia, sabe? Na Rondon Pacheco, nas mediações do Center Shopping, Carrefour. Aquilo levou bastante o movimento pra aquela região ali. Mas ainda é centro, né? Uberlândia aqui é centro.<sup>7</sup>

Da mesma forma que Idelva considera essa praça como uma referência na cidade, para o Sr. João Carlos, a Praça Tubal Vilela por se localizar no centro da cidade nunca vai deixar de ter um certo movimento, mas afirma que este diminuiu bastante com o crescimento da cidade, pois à partir da construção do Carrefour, Center Shopping, que é onde se localizam os cinemas, os restaurantes e de se inserir na avenida Rondon Pacheco uma grande quantidade de bares, lanchonetes, boates, churrascarias, tudo isso fez com que as pessoas se deslocassem mais para tais regiões em busca de lazer e diversão. A praça e suas proximidades que antes era o lugar mais procurado para tais práticas, acabou ficando em outro plano.

À partir da narrativa do Sr. João Carlos podemos ver que o sentido de como ele vê a Praça Tubal Vilela foi se alterando.

... antigamente a Praça Tubal Vilela era o cartão de visita de Uberlândia, né? No final da tarde o pessoal vinha com suas crianças, passear, os meninos andar de

<sup>7</sup> **João Carlos da Silva**, 64 anos. Mora em Uberlândia desde 1955, atualmente reside no centro da cidade. Há 39 anos trabalha como motorista, em um dos pontos de taxi da Praça Tubal Vilela. A entrevista foi realizada no seu local de trabalho, no dia 26/05/2002. Fita nº 07/11.

bicicleta. Hoje não, hoje acabou. Hoje a Praça Tubal Vilela chega uma certa hora, ela morre por completo, viu? (...) Agora em questão de lazer, a Praça Tubal Vilela tem muito a desejar, viu? Agora acabou, aquele pessoal que vinha aqui passa o fim da tarde, fim de semana, um domingo, já não vem mais, devido os pingaiada, o pessoal que fica aqui na praça atacando todo mundo, agredindo, tá entendendo? Eu não sei se é responsabilidade da Prefeitura ou se é da Polícia Militar proibir esse tipo de... tá entendendo? Porque o povo tá fugindo, além da violência, o povo tá fugindo de vim aqui na praça por causa disso. (...) Não, o lazer aqui acabou, aqui já foi lazer. aqui agora acabou, agora tá uma praça... <sup>8</sup>

Ao dizer que a praça hoje acabou, vemos que o Sr. João Carlos também trata a praça com um sentimento de perda, um local que já serviu de lazer e que hoje não é mais procurada para tal prática. Uma outra questão enfatizada por ele é o fato de existir na praça bêbados, que na sua visão incomodam a população. Para ele além da praça não estar servindo de lazer para as pessoas, a presença de tais personagens acaba por fazer com que as pessoas fujam de tal ambiente.

Ao dizer que a praça em determinado horário morre por completo, o Sr. João Carlos se refere principalmente ao período da noite, em que ela fica quase deserta. Uma ou outra pessoa caminha pela praça e para muitos ela se torna um local perigoso. O fato de ficar quase deserta à noite é o resultado da variedade de opções, que a população tem na cidade para aproveitar as noites.

O crescimento da cidade fez também com que o serviço prestado pelo Sr. João Carlos deixasse de ser calmo e tranquilo. Isso porque hoje, a praça e a cidade possuem uma grande quantidade de pessoas e essas não são conhecidas. A questão dos assaltos faz com que todos os taxistas da praça se sintam inseguros em seu trabalho. Ao atender um cliente segundo ele, não existe formas de se saber a verdadeira intenção da pessoa, ela pode estar bem intencionada como também pode ser um bandido e nesse momento ele precisa olhar para a pessoa e decidir se irá fazer a corrida ou não. Isso contrasta com o que é relatado por esse senhor ao falar de como era tranquilo o seu trabalho na praça alguns anos atrás.

---

<sup>8</sup> Idem.

... o movimento era bem melhor, era o melhor, as pessoas, a gente trabalhava com pessoas conhecidas, que não tinha esse tipo de gente de fora, esses forasteiro... Não tinha, era muito pouco. Toda... eu trabalhei a noite aqui vários anos ali, vários anos, cê só trabalhava com gente conhecida, mas depois...<sup>9</sup>

Perguntei se ele trabalhava com pessoas nas quais se podia confiar, e a resposta foi afirmativa.

Podia confiar, uai? Você vai... andava aí, ficava de madrugada aí pegava, geralmente aquele pessoal que fica em bancas de jogo, né e tal, lá pras duas, três horas da manhã, ou mesmo baile no Praia Clube, né? Então o pessoal vinha, outra hora nós deslocava pra aquele lugar, né? Pra trabalhar, trabalhava a noite inteira, não tinha violência, não tinha nada! Hoje você não pode trabalhar mais. É um perigo.<sup>10</sup>

Ao me contar sobre o comércio existente próximo à praça quando ele começou a trabalhar no ponto de taxi, é possível notar o quanto foi grande a transformação da cidade.

Aqui na esquina (Mig) foi Carlos Saraiva, né? Foi muitos anos. Mas esse prédio aqui mesmo no segundo andar era uma pensão, sabe? Né? E embaixo eram lojas, salão de barbearia, né? Então né? Até alguma discotecazinha já teve aqui.

(...) Ali onde é a Ritz, ali tinha as Casas Guri, tinha mais pra baixo aqui, era o comércio, era um comércio diferente, tá entendendo? Muito diferente.

(...) No lugar da Riachuelo, antes era o Hotel Colombo né? Depois quando o Hotel Colombo vendeu, então a Riachuelo comprou prédio aí pra fazer a loja, né? Então foi demolido o prédio do Hotel Colombo, aí acabou.

(...) Lojas Americanas foi depois, depois é que começou as Lojas Americanas. As Lojas Americanas também era a Fábrica de Balas Imperial, sabe? Daqui você sentia aquele cheiro gostoso, aquela poluição que a gente dava vontade ficar perto.<sup>11</sup>

As lembranças do Sr. João Carlos se referem à um tempo que não volta mais, a uma época em que o centro da cidade ainda não era tão movimentado e que lhe dava prazer ficar na praça, sentindo o aroma das balas da Fábrica.

<sup>9</sup> Idem.

<sup>10</sup> Idem.

<sup>11</sup> Idem.

Essas narrativas do Sr. João Carlos, segundo ele se referem aos anos 72 à 75. Ao descrevê-las, demonstra em sua expressão, uma alegria melancólica ao se lembrar do “cheiro gostoso” que vinha da Fábrica e também ao tentar relembrar os nomes e lugares dos comércios antigos, que são símbolos em sua memória. Esse tempo é tido por ele como possuidor de um “comércio diferente”, talvez possamos ligar essa expressão com aquele tipo de comércio existente em cidades pequenas, em que existe amizade entre os comerciantes, em que de manhã cedo ao se dirigir para o trabalho cumpre-se o trajeto cumprimentando os conhecidos pelo caminho ou fica-se na porta de uma barbearia conversando, pois afinal, é uma época que Uberlândia ainda estava caminhando para o desenvolvimento e progresso que pretendia.

Por acompanhar a cidade de Uberlândia desde 1955, o Sr. João Carlos viveu muitas das mudanças ocorridas na cidade e também na Praça, que é o seu local de trabalho. Em virtude disso, diz que a praça já teve muito mais a oferecer à população. Isso faz com que fale da praça de uma forma como se tudo estivesse se desenvolvendo, a cidade crescendo, mas também, muitas práticas se perdendo ou mudando para pior.

... eu tô acompanhando Uberlândia, a evolução de Uberlândia desde 1955, eu vim pra trabalhar em empresa de ônibus aqui oh, onde é dinheiro, ali na Caixa ali. Ali era tudo empresa de ônibus aí oh. Eu vim trabalhar em 55. ... De lá pra cá, aqui nessa praça aqui, aqui na praça já teve muitos shows, aqui sabe na praça aqui, que ela ficava superlotada, né? E o povo gostava. Tinha, tinha muito mais coisas aqui, sabe né? <sup>12</sup>

Os eventos que ocorriam na praça, fizeram parte da vida do Sr. João Carlos e não são esquecidos, ficam guardados como boas lembranças. E para ele esses eventos chamavam a atenção das pessoas, diz isso ao lembrar da época em que a Banda da Prefeitura ia tocar na praça.

A Banda vinha pra cá pra essa Concha Acústica aí oh, aí eles tocavam aí até uma certa hora, umas duas horas aí, depois iam embora. ... a banda acho que até acabou porque cê não vê mais a Banda da Prefeitura. ... era até gostoso pra você vê né?

---

<sup>12</sup> Idem.

Olha, quantos shows de artista já teve aqui, que nós já assistimos, né? É muito viu. Hoje acabou....<sup>13</sup>

O senhor Antônio, 78 anos, conta que foi motorista de caminhão, mas que agora já é aposentado e é por esse motivo que gosta de frequentar a praça.

Notei que esse senhor teve uma postura um pouco fechada ou talvez, se sentiu inibido para dizer o que pensa ou dar sua opinião sobre a praça. Por mais que tenha percebido mudanças na mesma nos 25 anos que a conhece, não as revela, prefere dizer que ela melhorou ou então dizer que ela “está boa como está”.

Para esse senhor a praça é um local de lazer, é o local onde ele gosta de estar, pois segundo ele, a praça melhorou muito no sentido de limpeza e cuidado que estão se tendo com a mesma.

Melhorou. Tá boa. A praça tá boa, né? Tá limpinha, tá arrumadinha. Tá boa!... Fico aí... fazendo hora aí, né? Passando..., passando o tempo.<sup>14</sup>

Ao contrário do que pensa o Sr. Antônio, foi possível perceber pelas entrevistas feitas, que nem sempre todos acham que a praça melhorou, como por exemplo, o Sr. Antônio Moisés, 56 anos.

Um pouco fechado, mas muito objetivo, esse senhor já no início da entrevista começa a comparar a praça de hoje com a que ele trabalhou há vinte anos atrás. Demonstra tristeza ao se lembrar das boas festas e comemorações que já aconteceram na praça. Festas que para ele não existem mais ou quando acontecem, não é como antigamente. E pensando dessa forma, diz que a praça não tem mais uma tradição.

Por trabalhar na praça a tanto tempo, perguntei se ele percebia alguma diferença com relação ao uso da praça no sentido de lazer.

<sup>13</sup> Idem.

<sup>14</sup> Antônio José de Souza, 78 anos. Reside em Uberlândia há 25 anos. Foi motorista de caminhão e atualmente é aposentado. A entrevista foi realizada na Praça Tubal Vilela, no dia 28/05/2002. Fita nº 09/11.

Tá muito fraco. A praça tá muito fechada, sei lá. Não tá bão não. Não tem uma tradição. Não tem nada, a fonte parada, não tem uma banda que vem tocar aqui, não tem nada. Morreu a praça, certo? <sup>15</sup>

O Sr. Antônio Moisés relembra duas cenas que eram freqüentes na praça, a fonte que funcionava jorrando água e que também tinha a música, e uma Banda da Prefeitura que tocava na praça. Com certeza esses dois eventos algum dia chamou a atenção das pessoas que iam passear ali e que talvez eram fregueses da pipoca que esse senhor já vendia.

Nas suas lembranças, parte da sua antiga freguesia eram as crianças que segundo ele iam para a praça com as mães.

Antigamente, as mães desciam dos prédios, vinha com as crianças brincar aí, hoje não vem. (...) Aqui era cheinho de criança com bicicletinha, velocípede, correndo. <sup>16</sup>

Um outro senhor que entrevistei foi o Sr. Odilon, 70 anos. Conhece a praça desde 1954 e hoje é aposentado.

Esse senhor também demonstrou ser conhecedor da história não só da Praça Tubal Vilela, mas também da cidade de Uberlândia. Notei isso pela forma clara com que descreveu como era a praça, os nomes que já teve, quando citava os comércios que existiam nas proximidades.

Se refere sempre à vida noturna da cidade, que para ele era muito boa, sendo que a praça fazia parte dos locais de lazer que existiam na cidade. Segundo ele, na praça eram realizadas muitas festas, era o local preferido dos casais de namorados e também o melhor lugar para se encontrar com os amigos e ficar conversando, ou seja, fala da praça como uma representação de sociabilidade.

Parecia muito seguro das informações que dava e se sentia orgulhoso de ter conhecido as histórias dos lugares e pessoas que relatava. Demonstrava sentir saudade dos velhos tempos, mas também um certo conformismo de pensar que o sentido da praça foi se alterando, na medida que a cidade de Uberlândia foi se desenvolvendo.

<sup>15</sup> Antônio Moisés Fussa, 56 anos. Reside no Bairro Jardim Patricia e trabalha na Praça Tubal Vilela há vinte anos, como vendedor de pipoca. A entrevista foi realizada na própria praça, no dia 27/03/2002. Fita nº 04/11.

<sup>16</sup> Idem.

Ao dizer que eu estava fazendo um trabalho sobre a praça, o senhor Odilon logo começou a descrever como era a praça que conheceu. Ao descrever nomes e lugares, foi possível perceber como esses ficaram guardados em sua memória e o que representam.

A partir de tais memórias, podemos imaginar como era essa parte da cidade em tempos que nem todos conhecemos.

... aqui por exemplo, aqui não era Praça Tubal Vilela, chamava Praça do Bambu. ... antes era Praça da República, né? Depois passou pra Praça Tubal Vilela e ficou. Antes a Praça Tubal Vilela era Praça da República que chamava. (...) Esse prédio Tubal, a não ser o Drogasil, depois foi o prédio Tubal, foi o primeiro prédio que teve aqui em Uberlândia, em frente a praça.(...) Esse aqui é o Hotel Zardo, né? (...) O Bueno Brandão, toda vida teve esse Bueno Brandão aí. Na esquina ali tinha... um restaurante, o Garibalde e hoje tem o Hotel Presidente, né? (...) Na esquina lá onde é a Americana, ali era uma fábrica de bala, Imperial. (...) Na esquina dali, onde é a Riachuelo era o Hotel Colombo.(...) O Mig, ali era uma Rádio Difusora.” (...) ...54, por aí. 54,55 aqui era desse jeito. (...) E essa praça, toda vida teve essa praça aqui, né? Desde que eu me entendo por gente tem essa praça.<sup>17</sup>

A Praça Tubal Vilela, apesar de ter passado por tantas reformas, mudanças e de os lugares ali próximos, terem desaparecidos e sido inseridos outros no lugar, não deixa de ser lembrada com carinho e como uma boa recordação. Esses lugares e essas mudanças, ficam representados na memória desse senhor como um período de prosperidade, em que esses símbolos se referem à expansão do comércio e ao mesmo tempo, à expansão de uma cidade que é lembrada com saudade, pelas diversões noturnas que proporcionava à população, que inclusive se realizavam na própria praça.

Então naquela época aqui tinha muito movimento assim... de... vida noturna. Uberlândia tinha muita vida... boa, né? Vida noturna. Hoje não tem mais.<sup>18</sup>

A vida noturna lembrada pelo Sr. Odilon, com certeza se refere à mesma de muitos moradores da cidade, que gostavam da noite para se divertir. O lazer dessa

<sup>17</sup> **Odilon Felipe Oliveira**, 70 anos. Conhece a Praça Tubal Vilela desde 1954. Atualmente é aposentado. A entrevista foi realizada na própria praça, no dia 28/05/2002. Fita nº 09/11.

<sup>18</sup> *Idem*.

época para ele, se corresponde principalmente ao Cinema, ao Clube de Dança e também à Praça Tubal Vilela.

... Hoje não tem mais namorado em praça, naquela época tinha demais, né? Todo mundo, na época que eu era, por exemplo, solteiro, em 54 por exemplo, todo mundo ia pra praça, naquela época, Praça da República. Ia namorar na Praça da República. Aí tinha muito movimento, né? E hoje não tem mais, naquela época tinha vida noturna, hoje não tem mais. (...) aqui em Uberlândia só tinha dois cinemas, era o Cine Uberlândia aí onde é o Bradesco e tinha o Eden Cinema lá na Praça Oswaldo Cruz. (...) Aí na esquina também era um prédio, que tinha um clube por cima que era o Marabá. Clube de jogos e de dança também, né? (...) Todas essas vilas por exemplo vinha pra cá, a única diversão que tinha era aqui na Praça da República, né? <sup>19</sup>

O tempo de diversão, noites alegres, lazer, descontração, é lembrado pelo Sr. Odilon com certa nostalgia, pois da forma como fala, fica expresso a diferença que ele mesmo nota entre o antigamente e o atual.

A utilização da Praça Tubal Vilela e as práticas sociais que ali se desenvolviam, eram diferentes de hoje. Diz que antigamente não existia comércio no seio desta praça e não havia vendedores, como podemos visualizar nessa praça nos dias atuais.

...antes não tinha isso não! Antes era só praça mesmo. (...) Era só lugar de lazer mesmo! Não é hoje...igual hoje o pessoal anda de bicicleta em cima da praça. Naquela época não tinha nada disso. <sup>20</sup>

A forma como o Sr. Odilon faz tais comparações, deixa claro que a Praça Tubal Vilela não é mais usada para as práticas sociais que ele viveu, a não ser por alguns senhores de idade que já estão aposentados como ele, e que ainda utilizam a praça como lazer.

<sup>19</sup> Idem.

<sup>20</sup> Idem.

Por lazer ainda! Eu fico aqui até a noite assim... depois eu vou embora pra casa. (...) Durante o dia eu passo o dia aqui, né? Eu não trabalho, só fico aqui, tô com quase 70 anos.<sup>21</sup>

Apesar de ter modificado muito o ambiente da praça, o Sr. Odilon ainda gosta de ficar ali conversando com as pessoas, vendo o tempo passar e fazendo amizade, que segundo ele já tem bastante, principalmente com os motoristas de taxi que ele conhece a bastante tempo.

Ah aqui, tem muita amizade, né? Motoristas de taxi. Tem motorista de taxi aí que tem 50 anos que trabalha aí. Tá até hoje, trabalha ainda.<sup>22</sup>

Essa rotina de ir para a praça todos os dias não é somente desse senhor, como ele diz, vários senhores tem essa mesma preferência.

Mais ou menos oito horas da manhã, aquele banco ali fica cheio de senhores da minha idade assim... tudo ali, fazendo hora também, né? (...) Conversando, lendo jornal, aí almoça, vai pra casa almoçar, de certo vai dormir um sono, depois à tarde volta de novo.<sup>23</sup>

Uma outra lembrança do Sr. Odilon, se refere ao local onde era o ponto de taxi da Praça Tubal Vilela, do calçamento das ruas, das árvores que ali existiam e de quando tudo isso mudou de lugar, pra que fosse inserido na avenida Afonso Pena o ponto de ônibus.

Essa ponta de taxi aí não era aí, era mais pra lá. Isso aí era uma rua calçada de pedra, né? Depois é que afastou essa rua pra cá, a praça, o ponto de taxi afastou, né? (...) Essas árvores aí não era aí, era lá na frente depois cortaram elas, hoje ainda tava discutindo aí, na época do Afrânio Rodrigues é que ele mandou corta as árvores. (...)... ele tirou os motorista da praça, né? E passou pra lateral por causa da linha de ônibus que foi parar tudo ali, né?<sup>24</sup>

<sup>21</sup> Idem.

<sup>22</sup> Idem.

<sup>23</sup> Idem.

<sup>24</sup> Idem.

O fato de tal cena ter acontecido a tanto tempo não deixa de ser lembrado pelo Sr. Odilon, que como ele disse, ainda é motivo de discussão com outros senhores que talvez também tenham visto aquela cena. O processo de corte das árvores talvez tão tenha agradado tanto, mas vemos aí que na praça, o lazer desses senhores inclui também discussões políticas ou discussões sobre os representantes políticos, à respeito do que fizeram pela cidade e com certeza essas discussões incluem o que foi aprovado ou reprovado por eles.

O senhor João Carlos que como foi dito, é motorista de taxi na praça, já trabalhava no local quando essa mudança do ponto de taxi foi feita. O ponto de taxi ainda era na avenida Afonso Pena e segundo ele, a pedido da Prefeitura que pretendia construir o ponto de ônibus, o ponto de taxi foi transferido para as duas outras laterais da praça que se referem às das ruas Olegário Maciel e Duque de Caxias.

Olha foi mais ou menos na década de 72, 75 por aí, mais um pouquinho ou menos um pouquinho, não me recordo. Mas que eu trabalho aqui desde 1963, no dia 03 de Maio de 1963 eu comecei com taxi aqui, era ali, o ponto de taxi era ali, na transversal, né? Não era assim na fila não, então eu comecei ali oh. Aí nos ficamos muitos anos ali foi até que nós cedemos ali pros ônibus e passamos pra cá.<sup>25</sup>

O Senhor Francino, 77 anos, é aposentado, e diz que a mais ou menos dez anos vai com frequência para a Praça Tubal Vilela que para ele, é um local de lazer e distração.

Um senhor muitíssimo simpático, daqueles que têm “prosa” para um dia inteiro. Demonstrou muita satisfação em conversar comigo, acredito que pelo fato de ter tido liberdade para contar suas histórias da forma como lhe convia e acreditava. Pareceu ser muito amigo e carismático, sempre se preocupando com os amigos que faz ali. Contou a história de sua mocidade, enfatizando as diferenças que vê com relação aos dias de hoje. Muitas vezes fugia do assunto da praça e ele mesmo dizia: *“as vezes cê não é nem desses assuntos, mas...”*, mas assim mesmo os relatava, afinal estar conversando ali comigo só ajudava a passar o tempo, que era a sua maior finalidade de estar na praça. Contou “causos e causos” e percebi que aquela praça é para ele um local de conversar com os amigos, fazer novas amizades e ficar conhecendo muitas histórias de vida.

<sup>25</sup> João Carlos da Silva, conforme citado anteriormente.

Diz que prefere ficar na praça do que ir “amolar” na casa de outras pessoas.

Bom eu gosto daqui, sempre venho aqui num lugar de distração, sabe? Da gente distrair um pedaço de hora, encontra... as vezes, faz amizade com uma pessoa e que a gente nunca nem pensava em vê, né? (...) não vou pra casa de ninguém, é aqui. Não vou amolar e nem... <sup>26</sup>

Pelo que diz o Sr. Francino, o motivo dele ser aposentado lhe dá mais tempo para ficar na praça e como todos têm seus afazeres, prefere ficar ali do que fazer visita na casa de algum amigo, que talvez não seria apropriada naquele momento.

A praça é para ele um lugar onde pode conversar, estando certo de que não está atrapalhando ninguém, pode observar o movimento da cidade e olhar o jogo de damas de outros senhores.

A partir de sua fala, é possível perceber que a praça é também para ele, um local onde se pode contar e saber histórias de vida, dar opinião e trocar idéias com os amigos, e claro, ficar sabendo de histórias que não se esquece mais.

É um prédio desses aqui, que é dele e da moça, era dele e da moça e duas mansão ali perto da rodoviária antiga ali, lembra dela? Pois é, aquela rodoviária funcionou muitos anos, só vendo. Então, isso tudo eu lembro disso ainda. E aí eu fiquei conhecendo esse rapaz, muito simples demais e também não trabalhava, não mexia com nada não, né? Era sapiando o jogo deles aí. <sup>27</sup>

A forma como relembra histórias antigas é ligada às construções que ainda estão em sua memória, um exemplo disso, é quando ainda tem por referência a antiga rodoviária. E isso é também para ele, uma forma de mostrar sua boa memória, pelo fato de dizer com alegria que ainda se lembra de tudo.

Diz que as vezes vê um amigo que já não via há tempos, e que nesse momento a conversa tem muita novidade, vai saber como está o amigo, o que tem feito e porque sumiu, mas nem sempre fica sabendo boas notícias.

<sup>26</sup> **Francino Dias Damasceno**, 77 anos. É nascido no município de Patrocínio, sempre morou e trabalhou na fazenda onde foi criado. Hoje é aposentado. A entrevista foi realizada na Praça Tubal Vilela, no dia 18/06/2002. Fita nº 11/11.

<sup>27</sup> Idem.

Inclusive um deles antigo, eu tornei a vê ali esses tempo coitadinho, ele eu acho que tinha câncer.<sup>28</sup>

E é nessas conversas com os amigos, nas histórias que fica conhecendo, que o Sr. Francino se prende no ambiente da praça que para ele é de distração e lazer.

E apesar da praça ser tida para muitos como um local perigoso e violento por acolher maus elementos, para esse senhor isso não ocorre, ele se senta nos bancos da praça e dá voltas por ali sem medo nem preocupação e diz que nunca viu assaltos ali na praça.

Não, nunca vi. (...) Pois é não tenho medo, não tenho. Graças a Deus eu só... quando não arrumo um amigo, nem inimigo também não arrumo.<sup>29</sup>

Ao falar sobre os namorados que vê na praça, esse senhor diz que ainda ficam alguns casais ali, mas que o namoro é muito diferente do seu tempo de jovem. A forma como compara a sua vida de solteiro em que tinha os seus namoros, é muito diferente do que ele vê hoje e conta isso deixando expresso a saudade dos bailes que gostava de ir.

Não, costuma vir, aparece muitos aqui, mas aquele modo que só vendo uma coisa, então aquele tempo meu era diferente demais nossa!!! Eu gostava de baile, e ... e... eu tinha, ia naqueles bailes, naquelas coisas assim...<sup>30</sup>

Ao relatar várias travessuras suas em bailes e contar que era muito bom de dança, esse senhor recorda tudo com muita alegria. Fala de uma juventude bem aproveitada, e como hoje já não tem esse pique todo, diz que a praça é o lugar que ele gosta de ir, já que deve reconhecer a sua idade.

Gosto, gosto. A gente tem que ir com o tempo, né?  
(...) Acompanhar o tempo, né?<sup>31</sup>

---

<sup>28</sup> Idem.

<sup>29</sup> Idem.

<sup>30</sup> Idem.

<sup>31</sup> Idem.

Um outro senhor muito gentil e simpático com quem tive contato, foi o Sr. Ari, 67 anos. Contou-me com muita paciência, velhas histórias suas na praça, assim como os vários lugares que existiam próximos à ela, que fizeram parte da sua juventude e hoje estão guardados na sua memória.

Por conhecer Uberlândia desde os treze anos aproximadamente, relembra com muita saudade, dos colégios em que estudou, das pessoas que conheceu, dos seus antigos empregos, dos jogos de futebol e das festas que ia na Praça Tubal Vilela.

Conta com muito entusiasmo da sua paixão pelo futebol e de ter sido um jogador disputado pelos clubes da cidade, e ao contar suas histórias é possível perceber que lembra de tudo como uma época muito bem aproveitada da sua vida.

Apesar de não existir na praça atualmente, todas as práticas sociais que fizeram parte da sua mocidade, ele ainda demonstra uma grande satisfação em ir passear no local, sentar nos bancos e deixar o tempo passar. Talvez essa seja uma forma de relembrar tantas passagens agradáveis e de trocar lembranças da sua juventude, com outros senhores que também tenha vivido na mesma época e tenham vivido emoções parecidas.

Um de seus passa-tempo preferidos é ir para a Praça Tubal Vilela.

É, sai de casa a tarde, a gente não vai em outro lugar, então vem pra cá. (...) Apesar de que eu tenho o Clube, mas eu não gosto de clube.<sup>32</sup>

Podemos perceber que ir para a praça passar o tempo, não é prática só de quem não tem outro lugar para se divertir, nem tão pouco, somente de quem mora ali por perto. O Sr. Ari por exemplo, tem condições financeiras de poder usufruir de um Clube, mas a praça ganha a sua preferência, sem contar que mora no Bairro Brasil, que é um bairro que não se localiza tão próximo da praça, e que também possui outras praças que ficam mais perto de sua residência.

Para esse senhor, a praça é um lugar de lazer, de sossego, de passar o tempo, de conversar como os amigos, o que para ele, é bem melhor do que ficar em casa.

<sup>32</sup> **Ari Martins de Oliveira**, 67 anos. Reside no Bairro Brasil. Sempre trabalhou como motorista de caminhão mas atualmente é aposentado. A entrevista foi realizada na Praça Tubal Vilela, no dia 27/03/2002. Fita nº 03/11.

É... o tempo passa! (...) ah, é ruim né. Ficar uma rotina dentro de casa demais é ruim.<sup>33</sup>

Apesar de ficar na praça por lazer, o Sr. Ari considera que a algum tempo atrás ela era muito mais visitada com essa finalidade.

Nas suas lembranças, fica evidente o valor que ele dá para a paisagem dessa praça que era mais verde, e que conseqüentemente pela quantidade de árvores possuía mais sombras.

Não, era um lazer grande aqui. E era cheio de árvore, porque não era assim não, isso aqui era tudo cheio de mais árvore, era muito verde aqui dentro, sabe?<sup>34</sup>

O Sr. Ari por conhecer a praça há muito tempo, relata que na sua juventude estudou em Uberlândia no Colégio Mineiro e conta histórias saudosistas da época em que jogava futebol, que é o seu esporte favorito. Diz que naquela época a cidade tinha muito lazer e que nas escolas sempre havia muito esporte.

...Nessa época a cidade era cheia de lazer, né? Outra coisa, tem hoje ainda mais, hoje tem televisão, tem tudo, então não aparece, né? Mas tinha muito esporte nas escolas.<sup>35</sup>

Ao falar do futebol nas escolas, esse senhor lembra de uma rádio que existia bem próximo à praça, a Rádio Difusora, chamada por ele de TRC6. Diz que essa rádio atraía para a praça, muitos jovens, principalmente os que gostavam de futebol, pois ali era transmitido o resultado dos jogos.

É, depois teve uma época que teve futebol aqui, o futebol amador de Uberlândia... Só tinha uma radiozinha aqui oh, TRC6, era aqui na praça. (...) Então o amador tava muito profissional então a gente vinha aí porque depois do futebol, né? Ficava escutando a resenha esportiva, essa aí não podia deixar de escutar. Essa aí, eu chegava em casa, tomava banho e vinha correndo, né? (...) Vinha pra praça, é. Pra ouvir o nome lá na resenha, fulano de tal... fez o gol, tal.<sup>36</sup>

---

<sup>33</sup> Idem.

<sup>34</sup> Idem.

<sup>35</sup> Idem.

<sup>36</sup> Idem.

Com certeza essa também era a prática de muitos outros que jogavam futebol com o Sr. Ari. Chegar ali e ouvir o seu nome na resenha esportiva era um motivo de muito orgulho para ele que se dedicava tanto ao futebol.

Essa rádio em frente à praça, marca muitas outras lembranças desse senhor. Segundo ele, essa rádio melhorava ainda mais a diversão na Praça Tubal Vilela, que sempre estava lotada, tanto pelos jovens do futebol, como por qualquer pessoa que gostasse de ouvir uma boa música, sem contar que nesse período ele estava com mais ou menos dezessete anos e a praça era tida como o melhor local para namorar.

Em cima ali, que era. Tinha o auto-falante. A noite fazia...ali, ficava tocando música lá na rádio, falando negócio de aniversário, naquele horário. Essa praça aqui era cheia.<sup>37</sup>

Ao relatar os episódios que já presenciou estando na praça, esse senhor lembra com muito gosto da construção da Matriz Santa Terezinha e também do segundo prédio de Uberlândia. Fala com um certo orgulho, de ter tido a oportunidade de ver tais construções tão importantes serem erguidas, de forma que essas construções são marcos importantes na sua memória.

... eu vim pra cá já com doze anos, quatorze anos. (...) Pois é, mas sei que quando eu cheguei aqui não tava terminada ainda. Tava ali daquele jeito mas faltava muita coisa, acho que eles levou uns dez, vinte anos pra fazer aquilo ali. Mas acho que ela foi de 40,43 por aí, né? (...)

O primeiro prédio que foi construído aqui foi o Tubal Vilela. ... aquele prédio ali nem terremoto derruba ele. ...Não, aquele lá... Naquele tempo eu prestei atenção, eles fazendo aquilo, eu falei esse prédio aqui... Eles fizeram uma buracão, deu água lá mas ele tem quase o tamanho dele tá lá no chão também.... deu água demais, parecia um rio de água e eles foi descendo, descendo, depois fez aquela sapatonada lá e depois aqueles pilarzão, aquilo lá não...E outra coisa ele é cheio de pilar dessa grossura, agora os ferros, eles põe uns ferrinhos né, os ferros é tudo dessa grossura e um monte de ferro naqueles pilar. ... Aquele lá nem terremoto não derruba ele, aquele ali não...<sup>38</sup>

<sup>37</sup> Idem.

<sup>38</sup> Idem.

Uma outra lembrança do Sr. Ari, se refere ao Colégio das Irmãs, que segundo ele promovia muitas comemorações na praça.

Sete de Setembro esses negócio, tinha as parada, treinava uma semana o Colégio das Irmãs, as escola treinava marcha, não sei o quê e tinha, era uniforme de gala, é!!! Tinha uniforme, é. Precisava ver, uniforme bem arrumado, o pai e a mãe quando era mais pobre sofria pra arrumar esse uniforme, mas tinha que arrumar...(...) É, e também tinha a ilusão dos filhos desfilar, né? <sup>39</sup>

Essas festividades lembradas pelo Sr. Ari, eram realizadas em uma das laterais da praça e isso fazia com que um grande número de pessoas fossem para o local se divertir, assistindo os desfiles que ele saudosamente guarda na memória.

Ruilon, 52 anos, é muito gentil e como ele mesmo disse, gosta muito de uma prosa. Para ele, a praça além de ser o seu local de trabalho, é também onde ele se distrai conversando com outras pessoas.

Trabalha na praça a quase dois anos e pela forma como fala dela, é possível perceber que sente prazer em trabalhar no local, e apesar de ver que a praça está perdendo o seu sentido de lazer a cada dia que passa, ele fala da mesma de uma forma muito carinhosa, sem dizer que vende picolé nessa praça por escolha e preferência sua.

Pelo tempo que esse senhor está na praça, diz conhecer um pouquinho o ambiente da mesma e para ele, estar nesse local lhe proporciona um sensação de bem-estar. Demonstra ser bastante conversador e na praça, ao mesmo tempo que realiza o seu trabalho, aproveita para conhecer as pessoas, conversar e se distrair.

Eu gosto muito daqui da praça, acho divertido, né? Chego aqui fico proseando mais as pessoas, eu vendo meu picolé e nisso o tempo vai passando, né? <sup>40</sup>

Marina, 42 anos, uma simpática cigana que me atendeu prontamente e se dispôs a falar sobre o que acha da praça sem nenhuma cerimônia. Relatou calma e pacientemente vários episódios que já aconteceram na praça com ela, e também as várias conversas que tem com seus clientes numa forma de aconselhá-los.

<sup>39</sup> Idem.

<sup>40</sup> **Ruilon**, 52 anos. É do Estado da Bahia e atualmente mora em Uberlândia. Há um ano e oito meses trabalha na Praça Tubal Vilela, como vendedor de picolé. A entrevista foi realizada na própria praça, no dia 25/05/2002. Fita nº 06/11.

Demonstrou uma certa decepção ao falar do que acontece hoje na praça. É como se a praça tivesse perdido muito, tanto na beleza, quanto na sociabilidade que existia ali e que foi vivida por Marina.

Para ela a praça além de ser o seu local de trabalho, é um local que pela localização que tem, é inevitável a passagem.

É um local de trabalho, tem encontro de negócios também, né? Muitas vezes as pessoas vêm fazer algum pagamento, outras vezes vêm pras lojas comprar roupas. (...) Sempre tem que passar aqui, de todo jeito tem que passar, mesmo que vire a cara pra outro lado, mas sempre tem que olhar pra aqui pra praça.<sup>41</sup>

Marina recorda de quando começou a trabalhar na praça, isso há uns dez anos atrás, e diz que há uma grande diferença. Segundo ela as pessoas eram mais amigas, mais pacientes, mais educadas e que hoje não demonstram mais tais qualidades.

Antigamente era bom demais, tinha as pessoas amigas, hoje só tem mais... muitas vezes a gente até, chama assim pra ler a sorte na maior educação, tem umas que vem com a maior agressão do mundo. Muitas vezes fala palavrão, muitas vezes xinga a gente.(...) Aqui essa praça era boa, oh!<sup>42</sup>

Um outro significado ou sentido que a Praça Tubal Vilela possui, pode ser percebido ao conversar com as pessoas que apenas passam por essa praça. Passam porque utilizam o ponto de ônibus e precisam cruzá-la, tanto na ida para o trabalho, como na volta para casa, assim como para as pessoas que vão ao centro da cidade para ir em algum banco ou para visitar algumas lojas, pois dificilmente fazem tal trajeto sem passar pela praça.

Dentre esses muitos personagens, entrevistei Alice, 29 anos, ali mesmo na Praça, me aproveitando o máximo dos minutos que me cedeu, já que estava só de passagem e não podia se atrasar.

---

<sup>41</sup> **Marina Pereira Neclides**, 42 anos. Reside no Bairro Nossa Senhora das Graças. É Cigana e há onze anos, lê a sorte dos passantes da Praça Tubal Vilela. A entrevista foi realizada na própria praça, no dia 28/05/2002. Fita nº 08/11.

<sup>42</sup> Idem.

Pelo pouco tempo que tive para entrevistá-la, percebi que não é uma pessoa que teve ligações com a praça, nem na sua infância, nem em passeios que tenha feito por ali. Ao falar da praça, demonstra ser um pouco desligada daquele ambiente que para ela, é basicamente um local de passagem.

Para ir ao trabalho e para voltar para casa Alice utiliza o ponto de ônibus que há na praça. É possível perceber nas suas palavras, que a praça é para ela um atalho, uma forma de chegar mais rápido ao seu destino. Perguntei se era assim que ela percebia a praça, e até me espantei um pouco com a expressão usada por ela.

É, eu acho que pra mim a praça é só isso. Só um local de passagem mesmo. (...) ... é um atalho, pra mim não dá a volta no quarteirão eu passo no meio da Praça.<sup>43</sup>

A expressão “só isso”, que Alice usou logo no início da sua fala, me fez querer ter certeza do que ela quis dizer. Será que a induzi a tal resposta pela forma como perguntei? Será que uma Praça pode mesmo ser considerada por alguém só como um local de passagem? Será que ao passar pela Praça com pressa ou não, Alice não via nenhum outro sentido para ela?

Ao falar sobre o movimento que a Praça Tubal Vilela possui hoje, Alice diz que para ela, o maior movimento da praça está ligado ao ponto de ônibus, pois este faz com que se concentre ali uma grande quantidade de pessoas e que, dentre todas elas, o que é menos visto por Alice, são as pessoas que utilizam a praça como lazer.

Ah, eu acho que é uma mistura de tudo, mas menos é das pessoas que vem só por lazer mesmo. É o que eu menos vejo, porque a maioria do pessoal que passa aqui é quem tá chegando de ônibus ou tá indo pro serviço, que trabalha nas lojas aqui perto. (...) Poucas pessoas eu acho que vem aí por lazer, que são mais essas pessoas mais idosas, né? Pessoal que joga dama, mas é muito pouca gente.<sup>44</sup>

Ao falar do lazer na praça, Alice cita logo os senhores de idade que para ela são os únicos que vão à praça com essa finalidade, e mesmo assim, deixa expresso que

<sup>43</sup> **Alice Pereira Santos**, 29 anos. Empregada Doméstica. Trabalha em um apartamento próximo à praça há 2 anos. Reside no Bairro Tocantins e é usuária do ponto de ônibus da Praça Tubal Vilela. A entrevista foi feita na própria praça, no dia 28/05/2002. Fita nº 10/11.

<sup>44</sup> Idem.

não são muitos. Acredita que a praça só é usada como lazer por esses poucos senhores que ela vê no local.

Para Alice, a Praça Tubal Vilela também não é um local em que as mães levam seus filhos para passear, para brincar, para se divertir.

Não, não, não vejo não. Eu acho que as únicas crianças que eu vejo mais aqui, a não ser esses meninos de rua que fica aí correndo, mas assim outras crianças porque as mães traz, mas todo mundo de passagem, não vejo criança que vem pra brincar aqui, eu acho que até porque a Praça não tem um parque, não tem nada que chame atenção pra criança brincar, né? <sup>45</sup>

Como sempre acontece, ao se perguntar por crianças na praça, os entrevistados sempre citam o nome de outras praças, principalmente as que possuem parque. A Praça Tubal Vilela não é mais reconhecida como local de lazer para crianças, lugar em que possam brincar, correr, pular, se distrair, sem contar que ela representa para a maioria dos pais, um local perigoso para crianças ficarem.

Mas nessas outras aí tem, ali mesmo naquela Nicolau Ferez tem, aqui na... Sérgio Pacheco ali tem muita, de manhã, ali vai muita babá com as crianças. <sup>46</sup>

Realmente na Praça Tubal Vilela não possui um parque, como existe em outras praças. Mas acredito que isso nem seria possível, pela localização dessa praça. Por ficar no centro da cidade e existir ali um grande fluxo de veículos, o barulho desses automóveis, dos ônibus, das buzinas, do comércio ali no meio, o barulho das crianças do Colégio Bueno Brandão, da grande quantidade de pessoas que atravessam aquela praça, e em virtude também do ponto de ônibus e dos dois pontos de taxi, etc, tudo isso tirou daquela praça a calma, a tranquilidade e também o silêncio, para que uma criança se divirta ao invés de se estressar com todo aquele movimento.

A Praça Tubal Vilela que um dia, para as pessoas que viveram nesta cidade de Uberlândia nas décadas de 50, 70, era o principal espaço de lazer, pois era ali que se realizavam os shows, era ali que se marcavam os encontros, talvez fosse o local preferido dos casais de namorados, como me foi contado pelos senhores de idade que

<sup>45</sup> Idem.

<sup>46</sup> Ari Martins de Oliveira, conforme citado anteriormente.

entrevistei, hoje é considerada por Alice, um local *“muito difícil de reunir as pessoas”*.

Mas o fato da praça não ser mais considerada por algumas pessoas, como um local apropriado para tais práticas, não significa que todos têm a mesma opinião.

É possível perceber que o sentido da Praça Tubal Vilela, em cada entrevista feita tem uma característica especial. A subjetividade que esteve presente em todos os diálogos, fez com que fosse possível apreender uma grande quantidade de opiniões, de formas de utilização, de lembranças e saudades. Possibilitou também conhecer tantas práticas sociais, que existiram e existem nessa praça que ainda é, querida e valorizada, que ainda é, uma referência em tantas memórias.

## **CAPÍTULO II**

### **A PRAÇA TUBAL VILELA COMO EXPRESSÃO DAS CONTRADIÇÕES URBANAS**

... a partir de 1960, convivendo paripassu com o progresso econômico, a problemática da marginalização social torna-se explícita nesta cidade. A intensificação do fenômeno da migração, o aparecimento das favelas, a multiplicação do subemprego e do desemprego, a precariedade de uma política social do município relativa aos serviços de saúde e de atendimento assistencial à criança carente colocam em cena, de forma mais dramática, o problema da mendicância, da vadiagem, do menor carente e do aumento da criminalidade.

Maria Clara Tomaz Machado.

Neste capítulo, apresento através das narrações dos entrevistados, as contradições urbanas de Uberlândia, que ficam expressas no espaço da Praça Tubal Vilela.

Irei mostrar através de tais narrações, as desigualdades sociais e as contradições urbanas, que são vividas pelas muitas pessoas que utilizam a praça para passagem, lazer ou trabalho, e que nos mostram os vários personagens que vêm utilizando a praça e que assim, deixam exposto o lugar que vêm ocupando em nossa sociedade.

A Praça Tubal Vilela no horário comercial, não tem mais a beleza visual relatada pelos vários senhores de idade com quem tive contato.

O que se tem à primeira vista, é uma grande quantidade de vendedores de vários produtos o que, na visão de várias pessoas, contribui para que aquele ambiente deixe de ser considerado como local de lazer.

O que se pode ver no centro da praça, é uma expressão das contradições não só sociais, mas também econômicas, da cidade de Uberlândia. Inclusive, vários tipos de pessoas que também tem intenções e estilos de vida completamente diferentes umas das outras.

Ali existem várias realidades de vida, e pessoas que passam por dificuldades várias no sentido financeiro e não é por mera coincidência, que pode ser encontrado nessa praça, andarilhos, bêbados, mendigos e pedintes.

Edna, 41 anos, muito trabalhadora e muito expressiva, não tem medo de falar o que pensa. Para ela, com a vida corrida que se tem hoje, poucas pessoas têm tempo para lazer e diz que a praça deixou de ser visitada com essa finalidade por muitas pessoas, tanto para os pobres que moram em bairros distantes, como para os ricos que moram ali nas proximidades e que podem pagar por outras diversões.

Edna não fez nenhuma objeção em me conceder a entrevista, e de certa forma, essa entrevista foi uma forma que ela encontrou para desabafar sobre seus problemas não só de saúde, mas também expor a sua necessidade de trabalhar, pois precisa comprar remédios, os quais ela não consegue no Posto de Saúde, e portanto, não tem escolha, trabalha na praça para suprir suas necessidades, já que na sua idade é dificilmente aceita pelo mercado de trabalho, que como sabemos, está a cada dia mais exigente.

Eu comecei trabalhando de ambulante, aí a Prefeitura tirou o ambulante, aí eu entrei no vale transporte porque eu preciso trabalhar, porque eu tô com 41 anos, sou operada do coração, tomo muito remédio, preciso do remédio, não tenho o remédio de graça né, porque o governo não dá. Então eu tenho que trabalhar. (...) Com a minha idade eu não arrumo emprego porque eu já tô com 41 anos, mais uma cirurgia do coração... O INPS não me aposenta, então sô obrigada a trabalhar aqui mesmo, fazer o quê? (...)...aqui é o meu local de trabalho. <sup>1</sup>

<sup>1</sup> **Edna Aparecida Pereira**, 41 anos. Nascida em Pitangueiras no Estado de São Paulo, veio para Uberlândia em 1986. Atualmente reside no Bairro Tocantins. Trabalha na Praça Tubal Vilela há dois anos, vendendo vale transporte e Azulzinha (jogo). A entrevista foi realizada na própria praça, no dia 27/03/2002. Fita nº 05/11.

Nas palavras de Edna fica expresso que a praça significa o seu local de trabalho, e que trabalha ali não por gosto ou preferência, mas sim pela falta de opções de emprego que há na cidade. A exigência do mercado de trabalho em escolher sempre pessoas com grau de escolaridade cada vez maior e sempre preferir pessoas especializadas ou com experiência em determinada área ou serviço, faz com que pessoas como Edna, que tem problemas de saúde, já estão na terceira idade e que não tem um currículo profissional chamativo, sejam descartadas de uma possível seleção de pessoal.

A consequência disso é vista na praça, onde podemos encontrar uma grande quantidade de pessoas tentando ganhar a vida e manter a família, que com certeza depende daquela quantia no final do mês.

Edna pensa um pouco mais adiante ao se referir a uma segurança financeira que ela não tem, por trabalhar no comércio informal. Essa segurança diz respeito à décimo terceiro, férias, seguro desemprego, que é direito de qualquer trabalhador que tem sua Carteira de Trabalho e é funcionário registrado em uma empresa.

Nas entrevistas feitas com pessoas que trabalham na praça, foi possível perceber que algumas trabalham ali e ao mesmo tempo se distraem, gostam de estar ali no meio de outras pessoas, conversar, ou seja, conciliam o trabalho com uma distração. Mas para Edna, trabalhar na praça tem mais pontos negativos que positivos, e com certeza se tivesse outra opção de emprego, não teria dúvidas em abrir mão de estar ali.

Edna leva junto consigo um pequeno banco, os vales transporte, as azulzinhas e as moedas para fazer o troco. Segundo ela, ficar sentada ali o dia todo é muito cansativo, sem contar que quando quer tomar água, precisa utilizar a própria praça; quando leva o seu almoço ou ganha algum lanche, se alimenta ali mesmo e diz que isso não é nem um pouco confortável, sem falar que a renda do seu trabalho é sempre muito inesperada. As vezes consegue um bom lucro, outras não.

Tem pessoas que acham... é fácil você sentar aqui e ficar aqui. Acha que isso é bom. Não é! É muito melhor se a gente ... oh, aqui você não tem direito a nada, você não tem direito a décimo terceiro, você não tem direito a férias. Você come o que você ganha, você não tem salário fixo, entendeu? E acha que isso é fácil mas não é.

porque você senta aqui, tem dia que você não ganha nem o ônibus que você gasta pra vim aqui.<sup>2</sup>

Para Cláudia a praça é um local em que gosta de trabalhar, pois gosta de estar no meio de outras pessoas, de conversar, de ajudar, de dar informações e também é o seu local de trabalho, é onde ela consegue o sustento da sua família. Diz também que a praça tem essa mesma representação para muitas outras pessoas. Justifica isso, ao contar o fato de quando a Prefeitura retirou da praça todos os vendedores ambulantes, proibindo tal trabalho naquele local.

Quando tirou esses vendedores daqui cê dava dó, era o caos! Não que eu ache que tem que ter tanta gente, mas tem que ser assim selecionado, porque é o sustento pra muita gente.<sup>3</sup>

De acordo com a obra de Guerra, esse fato ocorreu em 1991.

Em 1991 a Prefeitura Municipal, aproveitando a campanha dos comerciantes contra o comércio ambulante, retirou os camelôs e iniciou uma reforma na praça, durante oito meses. Essa reforma não alterou estruturalmente a praça, já que as circulações tinham sido alteradas na década passada, mas sim seu paisagismo, que recebeu novas espécies vegetais, em seus jardins.<sup>4</sup>

Ao relatar as dificuldades porque passam as pessoas que dali foram retiradas, Cláudia pensa em todas as pessoas que estão ali por necessidade, por precisarem trabalhar e não conseguirem um emprego fixo, muitas já são idosas, recebem a aposentadoria ou não, mas estão ali todos os dias vendendo quitandas e outros, na tentativa de complementar a renda mensal.

Para ela, a Banca de Revista ali na praça é também uma forma de prestar serviço à comunidade. Isso porque sempre tem alguém pedindo uma informação, muitas vezes há pessoas procurando por trabalho e que não tem dinheiro pra comprar o jornal de emprego, e que nesse momento ela ajuda da forma que pode.

<sup>2</sup> Idem.

<sup>3</sup> **Cláudia Guimarães**. Nascida em Monte Carmelo, mora em Uberlândia há dezenove anos e há nove anos, trabalha em uma das Bancas de Revista da praça, que é de propriedade do seu esposo, mas que já é da família há vinte anos. A entrevista foi realizada na banca de revista, no dia 19/02/2002. Fita nº 01/11.

<sup>4</sup> GUERRA, Maria Eliza Alves. Op. cit., p. 144.

Até uma prestação de serviço mesmo que a gente faz aqui. É informação toda hora, de emprego, dicas, a gente dá pros outros. (...) Vem gente aqui que cê vê procurando serviço que não tem dinheiro pra comprar um jornalzinho de emprego. Tem gente que cê tem que deixar vê, porque cê tem que ser humana nessa horas (...) É ... e informação, todo mundo pergunta: onde é tal lugar? <sup>5</sup>

A questão do desemprego que existe na cidade também é importante de ser ressaltada. O fato de existir tantos desempregados e tantas pessoas que não podem pagar a passagem do ônibus, para ir ao centro da cidade procurar emprego, e precisam se deslocar de suas casas em bairros distantes, até o centro a pé, é bastante enfatizado por Cláudia, pois estas pessoas chegam até sua Banca à procura do jornal que contém as informações de empregos disponíveis.

Tem gente que vem aqui, que cê não acredita, tem gente que vem do São Jorge assim... a pé, vai e volta do centro a pé, não tem nem condição de voltar. Tem muita gente nessa situação mesmo. <sup>6</sup>

A praça é para Sueli o seu local de trabalho, e portanto, ela é muito importante, pois é ali que ela consegue o seu salário. E diz que são muitas as pessoas que atualmente estão vivendo do trabalho alternativo.

É o sustento de muitas pessoas. (...) E tem muita gente que trabalha aqui. Que vive daqui, né? Do trabalho, ou vendendo passe ou vendendo um artesanato, ou vendendo uma.... comida, né? Um salgado, um lanche... <sup>7</sup>

Muitas vezes aparece na praça, pessoas que são de outras cidades e que também vivem do trabalho informal. Elas trazem algumas novidades para serem vendidas ali, o que inclui, quadros de paisagens, bijuterias, cd's, artesanatos, redes, tapetes, dentre vários outros. O comércio traz variedades, na tentativa de atrair os

<sup>5</sup> Cláudia Guimarães, conforme citado anteriormente.

<sup>6</sup> Idem.

<sup>7</sup> Sueli Regina Paula do Carmo. Nascida em Itumbiara Estado de Goiás, mora em Uberlândia há nove anos e reside atualmente no Bairro Martins. A mais ou menos três meses, trabalha na Praça Tubal Vilela vendendo Azulzinha (jogo). A entrevista foi realizada na própria praça, no dia 25/05/2002. Fita nº 06/11.

clientes e faz isso alternando as cidades as quais visita. Por isso, Cláudia define a praça também como uma “temporada de serviço”.

Aqui é... como se diz, é uma... temporada de serviço, época boa vem, aí vai pra outro lugar quando não tá bom aqui.<sup>8</sup>

Com relação ao lazer na Praça Tubal Vilela, para Edna somente os aposentados vão à praça por esse motivo. As pessoas que trabalham, sempre passam pela praça correndo, não têm tempo e nem motivos para ficarem ali sentadas nos bancos. Na sua visão, para muitas pessoas a praça é mais um local de espera, que de lazer. Essa espera se refere às pessoas que saem de casa, que talvez moram distantes do centro e sempre ficam por ali, até resolverem seus afazeres para depois voltarem para casa, ou também alguns funcionários de lojas, que ficam ali esperando acabar o seu horário de lanche ou a hora de começar a trabalhar.

O lazer é assim oh, ali oh: dois aposentados que não tem nada pra fazer em casa vem pra praça, senta ali, encontra com outro aposentado, vai pôr as coisas em dia, vai passar o tempo. É melhor que ficar em casa, sozinho, olhando pras paredes, se deprimindo.... Senta nos bancos da praça oh, ali oh: dois funcionários de loja, que deve alá, ser da Riachuelo, tá no horário de lanche, pra não ficar dentro da loja, senta ali na praça, ou alguém que tá esperando alguma coisa, ou tá esperando alguma pessoa pra ir embora, ou tem um negócio pra resolver mais tarde e não quer ir em casa gastar um ônibus e voltar pra traz. (...) Então cê senta na praça e vai esperar aquela coisa ficar pronta pra você já fazer uma coisa só. Hoje em dia ninguém pode gastar dinheiro atoa.<sup>9</sup>

Portanto, para Edna, sempre há na praça pessoas idosas que realmente fazem da praça um lazer, e muitos que fazem dali um local de espera. O restante das pessoas que trabalham e estão preocupadas com o corre-corre cotidiano, não têm mais tempo para lazer e só passam pela praça “correndo”.

E outra, com a correria que anda hoje em dia o povo não tem tempo pra lazer também não. (...) eu, você, nós passa na praça, igual, nós passa correndo...<sup>10</sup>

<sup>8</sup> Cláudia Guimarães, conforme citado anteriormente.

<sup>9</sup> Edna Aparecida Pereira, conforme citado anteriormente.

<sup>10</sup> Idem.

Ao apontar a praça como um local de trabalho e de espera, Edna diz também que o lazer na praça diminuiu muito, porque além de se ter várias outras opções de diversão na cidade, a Praça Tubal Vilela se localiza no centro da mesma. Isso quer dizer que quem mora naquelas mediações, possui uma situação financeira muito boa ou pelo menos estável, o que lhes dá direito de usufruir de outras diversões e conhecer lugares diferentes e os que pertencem à classe mais baixa, quando podem, se distraem no seu próprio bairro, e caso resolvam passear em alguma praça, vão na que se localiza no bairro em que moram, e não vão gastar dinheiro com o ônibus para ir até à Praça Tubal Vilela.

Hoje em dia não tem, hoje em dia, os que tem um pouco mais de dinheiro, fim de semana eles não vem pra praça, ele não vem pra praça, ele vai pra um clube. (...) ... cê num vê um pai de família que mora aqui no centro, ele vai catar um filho dele, porque se ele mora aqui no centro ele tem dinheiro, ele vai catar o filho dele e vai ficar com ele aqui na praça? Não vai. (...) Agora eu sou pobre, eu trabalho pra sobreviver, já tenho neto, eu moro lá no cafundó do juda, eu vou gastar ônibus pra vim trazer uma neta minha na praça, pra passear na praça? <sup>11</sup>

Edna está sempre preocupada com a sua situação financeira e como ela mesma diz, “*não pode gastar dinheiro atoa*”. Além disso, a forma como fala em passear na praça, deixa subentendido que não há nada para se fazer ali. Mas essa é realmente a visão de Edna.

A praça hoje não tem sentido. (...) Fazer o quê na praça? Vê o que na praça mais? Hoje em dia o povo tem até medo de sair de casa, se cê qué sabê.... <sup>12</sup>

A praça para Edna, não tem nenhum atrativo, não é mais aquele local sociável em que as pessoas vão passear à noite, se divertirem. Isso porque a cidade tem à disposição dos moradores, várias outras opções de lazer e divertimento, sem contar que hoje em dia, as pessoas estão cada vez mais voltadas para outros tipos de lazer, como clubes, discotecas, boates, cinemas, etc.

---

<sup>11</sup> Idem.

<sup>12</sup> Idem.

Ao lado disso ela se coloca como uma pessoa que não tem tempo para lazer, nem na praça nem em outro lugar. O seu trabalho na praça, além de seus afazeres domésticos ocupam todo o seu tempo.

Ontem eu saí de casa, deixei uma bacia de roupa de molho, pra mim chegar ontem a noite e lavar a roupa. Cheguei fui cuidar da janta, ficou tarde, e eu tava tão cansada que eu não lavei a roupa. (...) Vai largar de fazer isso pra ir pra praça? Não vai.<sup>13</sup>

A condição financeira de Edna, é um exemplo da desigualdade econômica e social da cidade. Enquanto algumas pessoas não precisam trabalhar e podem escolher as melhores diversões, Edna trabalha na praça durante todo o dia e além disso, precisa cuidar da sua casa o que a deixa sempre muito cansada.

Ir ao centro da cidade para fazer algum pagamento, ir ao banco ou à alguma loja, são alguns dos motivos que podem levar alguém a passar pela praça. E esses seriam os únicos motivos que levariam Edna à passar pela praça, caso não trabalhasse no local.

Ela acredita que esta seja a opinião das maioria das pessoas e justifica isso dizendo que a praça no fim de semana é deserta, não é lembrada por ninguém. Além disso, deixa claro que aquela prática que antigamente as pessoas tinham de ir para a praça, não existe mais e afirma que mesmo que se retire dali todos os vendedores, a praça não voltaria a ter o mesmo significado de lazer que já teve um dia.

Dia de domingo, cê faz uma experiência, cê vem aqui pra praça pra você ver se vem gente aqui. Se tiver um pouquinho de movimento é na hora da missa ali... Então o movimento dela é isso aí que cê tá vendo aí, mas é dia de semana, dia de domingo que é dia de lazer do povo a praça é a mesma coisa que nada. E não adianta se eles falar assim, vamos tira os vendedores daqui que a praça vai ficar de lazer. Não vai. Não vai!<sup>14</sup>

Uma outra característica da Praça Tubal Vilela, que expressa as contradições sociais da cidade, é a presença dos andarilhos que ficam no local

---

<sup>13</sup> Idem.

<sup>14</sup> Idem.

Para Idelva esse é um dos principais problemas, pois de acordo com ela, esses andarilhos moram na praça, dormem nos bancos, jogam lixo no chão, tomam banho ali e além deles, há também os usuários de drogas que na sua visão, tiram o sossego, tanto das pessoas que ali trabalham como também dos passantes. Para Idelva esses personagens contribuem para que o lazer da Praça diminua, pois de acordo com ela, as pessoas evitam passar perto quando podem, e durante à noite é ainda pior, as pessoas não freqüentam mais a Praça.

... Hoje a Praça, ela serve de refúgio pra andarilho, pra ladrão... (...) Dormem debaixo do ônibus... as vezes assim duas, três horas da tarde, o pessoal tá fumando maconha, tá usando droga, sabe? É craque, aqui dez horas da noite o pessoal vem pra debaixo do ônibus pra fumar eh... droga, pra usar... (...) A noite cê não vê ninguém aqui.<sup>15</sup>

O fato das pessoas não se sentirem mais à vontade na praça é para Idelva, uma grande alteração do sentido da mesma, já que quando ela a conheceu, os motivos que levavam as pessoas àquele local eram saudáveis, eram familiar, era o lazer, a diversão. Para Idelva todo esse sentido acabou e a realidade da Praça agora é outra.

... igual esse ano passado agora no finalzinho de Dezembro teve o evento de cantores aqui, e o quê que aconteceu? Não deu movimento. Por quê que não deu movimento? Porque depois das dez horas a Praça... ninguém se atreve a ficar mais aqui. (...) Então pra esse fim o pessoal não tem muita confiança, não que não goste, todo mundo gosta, mas é que não tem segurança. E a Praça Tubal Vilela tinha que ser um local assim...cuidado, organizado. (...) Você vai no banheiro da Tubal Vilela, você tá arriscando a ser assaltado sabe? (...) Já me abordou duas vezes na porta do banheiro da Praça. (...) E as vezes a tarde, aqui não tem muito horário pra isso, sabe? Então a violência é demais, ninguém trabalha sossegado aqui.<sup>16</sup>

Uma outra realidade desta praça, fica evidente na fala do Sr. João Carlos. Uma realidade que contrasta com a que ele conheceu quando começou o seu trabalho, que é a presença de pessoas pedindo esmolas na praça. Essa é mais uma das contradições sociais da cidade de Uberlândia, que se desenvolveu, mas possui à margem desse

<sup>15</sup> Idelva Aparecida da Cruz, conforme citado anteriormente.

<sup>16</sup> Idem.

desenvolvimento, os desempregados, os mendigos, os pedintes, os menores abandonados, além de outros que ele considera indivíduos perigosos.

Ou então a Secretaria, aliás, a Prefeitura passar uma ordem, olha: esse tipo de gente se vim pra tirar uma esmola, senta fica quietinho, nós temos aqui oh... Mas outros não, os outros é diferente, os outros é... elementos perigosos, cê entendeu? <sup>17</sup>

Essa realidade também é percebida por Alice, que pelo tempo que passa pela praça, diz que o fato que mais vem chamando a sua atenção é o aumento de mendigos e crianças carentes naquele local.

Não assim... eu sempre passo aqui pela Praça mesmo quando eu não trabalhava nesse lugar, e eu acho assim que o que vem me chamando atenção nesse tempo todo, é o aumento assim dos mendigos na praça mesmo, dos menino carente... isso eu acho que tem aumentado muito na Praça. <sup>18</sup>

Pela forma como Alice relata esse fato, parece que para ela que já vê a praça como um local de passagem, isso contribui ainda mais para tirar dela o seu sentido de lazer. Para Alice a praça está sendo um local de comércio, um local em que estão presentes os marginalizados da sociedade, como os pedintes ou as crianças carentes, que sabemos, por motivos variados estão nas ruas mostrando a realidade não só da cidade em que vivem, mas também a sua própria realidade de vida.

Podemos perceber através dos clientes que a cigana Marina tem, quantos problemas temos em nossa sociedade. Adolescentes que são dependentes químicos, gravidez indesejada, filhos que saem de casa, tudo isso acontece com frequência nessa cidade e são também essas pessoas que fazem parte da praça.

Marina diz que atende pessoas com vários tipos de problemas. Problemas financeiros, amorosos, dependentes químicos que querem deixar o vício mas não conseguem, filhos que querem sair de casa, jovens grávidas que não querer ter o filho e muitos outros casos.

<sup>17</sup> João Carlos da Silva, conforme citado anteriormente.

<sup>18</sup> Alice Pereira Santos, conforme citado anteriormente.

Acredita que o seu papel nesse momento, não é só ler a sorte e ganhar o seu dinheiro, mas também aconselhar a pessoa a não fazer algo que pode prejudicá-la ainda mais.

Dou conselho. Muitas vezes vem alguma aqui, quer ir embora da casa dos pais, aí eu dou conselho, converso com elas, porque o pai e a mãe fala com o filho porque tá vendo que tá um erro ali, né? (...) Muitas vezes mocinha assim, vem pra ler a sorte, daqui a pouco ela fala que tá na droga, eu converso com elas. (...) Muitas vezes é alguma moça que tá separada do namorado, muitas vezes tá grávida, ela quer beber remédio. Quantos filhos aqui eu já salvei.<sup>19</sup>

O Sr. João Carlos mede as mudanças que ocorreram da época em que começou a trabalhar na praça, com os dias de hoje, pela violência. E à partir daí percebe as diferenças existentes e o quanto o sentido da praça foi alterado.

Não, eu já fui assaltado duas vezes uai, duas vezes o ano passado. Olha pra você Ter uma idéia, depois de 39 anos, de 38 anos de taxi agora este ano passado... eu fui assaltado duas vezes durante um mês, duas vezes, né? E antes nunca aconteceu isso, antes era todo mundo conhecido, a gente trabalhava né, tranquilo, não tinha esse negócio de violência, não tinha nada, né? Isso agora que tá acontecendo, mas isso aí tá é no mundo inteiro, né? Essa violência tá no mundo inteiro.<sup>20</sup>

O fato de ter sido assaltado duas vezes no mesmo ano, para ele é uma consequência do aumento da violência, que cresceu juntamente com a cidade, o que não deixa que ela se diferencie de outros centros urbanos.

Apesar de ainda gostar de ficar na praça, o Sr. Odilon reconhece algumas mudanças que foram ocorrendo no local. Uma dessas mudanças, também se refere à violência que há na cidade de Uberlândia, violência que para ele está relacionada aos ladrões e trombadinhas.

Agora Uberlândia é muito ...estressado... Por aqui tem demais trombadinha nessa praça aí, ladrão... Polícia tá batendo direto aí oh, aqui não precisava de um Posto Policial no meio da praça, pra quê? No meio da praça um Posto Policial? Pois aqui é que precisa.<sup>21</sup>

<sup>19</sup> Marina Pereira Neclides, conforme citado anteriormente.

<sup>20</sup> João Carlos da Silva, conforme citado anteriormente.

<sup>21</sup> Odilon Felipe Oliveira, conforme citado anteriormente.

O Sr. Ruilon, apesar de gostar de ficar na praça conversando e trabalhando, diz que o que acha mais difícil são os vagabundos que ficam não só na praça, mas em toda a cidade.

O fato de existir na praça os marginais, na visão desse senhor, afasta as pessoas da praça, e usa como exemplo um dia de sábado, em que o comércio da cidade fecha em torno das 13:00h. e que o movimento da praça cai totalmente, ficando por ali somente alguns poucos usuários do ponto de ônibus.

Daí agora, de agora pra tarde é só caindo mesmo, só caindo mesmo, quando chegar duas horas, cê pode olhar não tem mais ninguém na praça.<sup>22</sup>

Para o Sr. João Carlos, o movimento da Praça Tubal Vilela também está ligado ao comércio e ao ponto de ônibus, e diz que principalmente à noite ou nos fins de semana, não se vê ninguém usufruindo da praça em nenhum sentido.

Não o movimento é pouquíssimo e depois também da, sábado também agora depois do meio-dia, o pessoal ainda fica aqui até o comércio, hora que o comércio fecha aí você não vê ninguém mais, se você vir aqui depois da uma, duas horas, cê não vê ninguém.<sup>23</sup>

Para o Sr. Ari, durante a noite o número de pessoas que ficam na praça diminui bastante, e de acordo com ele já se torna um ambiente perigoso.

Não, aqui até às sete horas, lá pras seis horas, sete, até às oito e pouco vem pessoas aqui, agora depois disso não vem não porque aí já fica perigoso, aí eles saem, né?<sup>24</sup>

Na sua visão, as pessoas estão ficando muito fechadas, e que depois do horário comercial elas vão para suas casas, não querendo mais ficar na praça, pois de acordo com ele, Uberlândia sempre foi uma cidade de trabalho, o que faz com que as pessoas não busquem tanto lazer na praça.

<sup>22</sup> **Ruilon**, conforme citado anteriormente.

<sup>23</sup> **João Carlos da Silva**, conforme citado anteriormente.

<sup>24</sup> **Ari Martins de Oliveira**, conforme citado anteriormente.

...é uma cidade assim que o pessoal trabalha muito, né? Aqui é uma cidade de trabalho. (...) Passa pra cá e pra lá e quando fechou o horário comercial cada um vai pras suas casas, né? <sup>25</sup>

Ao fazer tais comparações, é possível imaginar a praça um tanto vazia em relação à tantas atrações vividas por esse senhor naquele local.

De acordo com o Sr. Antônio Moisés, não há na praça nenhum atrativo, já que o movimento ali pára no momento em que termina o horário comercial.

Pára! Mas pára assim, sabe. Porque não tem nada, cê vai ficar fazendo o quê aqui, olhando o quê? Esses pingaiada aí né? <sup>26</sup>

Ao escutar tal desabafo, é possível observar uma certa decepção nas palavras desse senhor, já que hoje a praça não é mais aquele lugar alegre em que ele vendia sua pipoca, mas sim um lugar em que não se tem mais crianças, família, fonte luminosa, música. Essa praça não corresponde mais ao que ele viveu ali quando começou o seu trabalho, e é visto por ele agora, como um lugar com bêbados e dependentes químicos, que ficam ali no meio, deitados no chão ou nos bancos e que atrapalham as suas vendas.

O comentário de que é perigoso ficar na praça após certo horário, realmente é compartilhado por muitas pessoas. Segundo Sueli no período da noite começa a se ver no local pessoas suspeitas e a praça já não oferece nenhuma segurança.

Ela é meio escura, ela não é muito clara, realmente ela não é muito segura pra você ficar... cê já vê pessoas suspeitas mesmo, que já vem ou pra usar uma droga, ou alguma coisa assim... ela não é segura pra você ficar aqui à noite. Porque ela é muito grande, pra Ter o Posto Policial... é aqui, cê vê ela é muito grande, é muita árvore que tem, não tem como clarear, cê vê aquele posto de luz ali oh, estão encoberto, hora que for de noite... <sup>27</sup>

Por esse motivo, Sueli diz que no período da noite as pessoas evitam de passar no meio da praça e dão preferência para qualquer rua lateral.

<sup>25</sup> Idem.

<sup>26</sup> Antônio Moisés Fussa, conforme citado anteriormente.

<sup>27</sup> Sueli Regina Paula do Carmo, conforme citado anteriormente.

O Sr. Fancino também, apesar de ver a praça como um local calmo e de distração, assume que durante a noite sente um certo receio de ficar ali. E o tempo que aproveita da praça é até às cinco horas da tarde.

Mas sento aqui, é cinco horas, eu quando eu tô aqui não fico mais de cinco não, o máximo é cinco, tô indo embora.(...) eu vou te falar, eu gosto demais de praça mas assim o dia, noite eu tenho medo de praça viu? <sup>28</sup>

Existe na Praça Tubal Vilela um Posto Policial e pelas entrevistas feitas, percebi que para algumas pessoas ele é atuante, e para outras ele existe só fisicamente, sendo que os policiais não desenvolvem seu trabalho de forma satisfatória.

O Sr. Ari por exemplo, não vê nenhum tipo de violência na praça, principalmente porque tem ali o Posto Policial, que segundo ele dá segurança para as pessoas que estão no local.

Não, aqui não. (...) Mas a coisa aqui é bem policiada de dia, né? Tem aquele posto. Aquele posto é da Polícia, né? <sup>29</sup>

Na visão do Sr. João Carlos também, os policiais estão sempre a postos para qualquer eventualidade.

Isso aí fica permanente fica uma guarda aí. Fica, as vezes à noite tem um soldado de plantão, né? Porque qualquer coisa, eles pode chamar uma viatura pra você aí né? (...) De vez em quando eles prende gente aí, viu? Prende e traz pra cá oh. <sup>30</sup>

Para o Sr. Odilon, o fato de precisar de um Posto Policial no meio da praça significa que ali existe violência. A praça é tida por ele como um local perigoso para se ficar à noite, e isso faz com que o movimento de pessoas diminua bastante já que não há eventos no local

<sup>28</sup> **Francino Dias Damasceno**, conforme citado anteriormente.

<sup>29</sup> **Ari Martins de Oliveira**, conforme citado anteriormente.

<sup>30</sup> **João Carlos da Silva**, conforme citado anteriormente.

Deu dez horas, onze horas acabou, né? Não é só essa praça não, praça nenhuma tem movimento mais, né? (...) Mas essa praça aqui toda vida foi isso, naquela época tinha muito movimento, né? É, pessoas que ficava aí na praça até meia-noite, uma hora da manhã... hoje não tem.<sup>31</sup>

De acordo com Edna, para se trabalhar na praça é preciso muita atenção e malícia, não é um ambiente confiável, pois passam por ali diversos tipos de pessoas e nem sempre todas têm boas intenções.

...porque aqui nessa praça cê tem que trabalhar mas, cê tem que trabalhar com os olhos aberto, cê tem que maliciar mesmo que a pessoa não seja, cê tem que desconfiar de todo mundo.<sup>32</sup>

Essa prática de desconfiar de tudo e todos, faz parte do cotidiano não só de quem trabalha na praça, mas também das pessoas que andam por ali ou que sentam em algum banco. Por ser um local público, pode-se encontrar pessoas que vão somente para trabalhar, somente passear ou descansar, como também as que vão com más intenções.

Correr o risco de ser roubada é pra Edna uma rotina na praça. Segundo ela, o fato de ter sempre policiais no Posto Policial, não está resolvendo o problema, pois existem ali pessoas que ficam sentadas nos bancos da praça, observando o movimento desses policiais para poder roubar alguém.

Não, aqui já teve muitas pessoas roubadas aqui. Foram roubadas muitas pessoas aqui já. De levar é... duzentos, trezentos vale transporte de uma vez só. (...) O Posto Policial é assim: ele tá lá, cê tá aqui. Cara te rouba aqui e sai correndo. Se você for lá e falar, eles não saem de lá pra correr atrás de ladrão. Ele tá ali por tá. Cê chega lá, cê faz a ocorrência.<sup>33</sup>

A ação da polícia na maioria das vezes para quem trabalha na praça, deixa a desejar. O fato de existir o Posto Policial no meio da praça, pode significar sim que ele

<sup>31</sup> Odilon Felipe Oliveira, conforme citado anteriormente.

<sup>32</sup> Edna Aparecida Pereira, conforme citado anteriormente.

<sup>33</sup> Idem.

é necessário, pela quantidade de ocorrências que surgem na praça, mas não significa que resolva todos os problemas do local.

Para Alice a Praça Tubal Vilela, não tem uma preocupação no sentido de chamar atenção das pessoas com eventos culturais, shows ou alguma comemoração. Diz que as atrações que têm na praça são sempre muito passageiras e que as pessoas que ali passam como ela, sempre com pressa, geralmente não têm tempo para assistir ou participar.

Podemos perceber isso, quando Alice demonstra dificuldade para se lembrar de algum evento que ela tenha visto com mais frequência na Praça Tubal Vilela.

Não, acho que... um que eu sempre tô vendo eu nem sei assim se é todo ano, de quanto tempo que é, é o Festival de Dança que tem, né? (...) É. Que eu lembro é esse. (...) Só na época que tá acontecendo, é um dia no máximo, aí reúne um pouco de gente aí mas também não é muita gente não, porque eu acho que é um lugar muito difícil de reunir as pessoas, tá todo mundo com pressa, passando, então a gente vê assim mas não dá nem pra ficar sabendo direito o quê que é.<sup>34</sup>

Nesse momento, eu mesma que também não conheci o passado da Praça Tubal Vilela, fico tentado imaginar por quantas mudanças passou a cidade, pois a praça reflete a realidade da cidade e ali no seio desta praça é possível perceber as contradições sociais de Uberlândia.

A Praça que para alguns já teve suas noites enfeitadas, com luzes, músicas, festas, para Alice é hoje um local perigoso para se passar à noite, um local em que não se vê pessoas conversando ou namorando, mesmo porque, como Alice cita em sua fala, na cidade hoje há várias outras opções de lazer, de lugares para se frequentar, de programas para se fazer à noite.

Quase não se tem ninguém mesmo, né? Eu acho que fica até meio perigoso, a gente até evita de passar aqui assim mais de noite, né? Quando já fechou tudo. (...) Quando eu passo de noite assim, eu acho que todo mundo, ninguém quer mais ficar hoje na Praça igual, assim de noite. “É... tá perigoso demais né? Eu acho que os jovens, hoje tem os Shopping né, tem os cinemas, tem muitas outras coisas pra fazer, não vai namorar na praça não.”<sup>35</sup>

<sup>34</sup> Alice Pereira Santos, conforme citado anteriormente.

<sup>35</sup> Idem.

Além de achar que os jovens “*tem muitas outras coisas pra fazer*”, que com certeza na sua forma de pensar, são coisas bem melhores do que ficar na praça, Alice diz que não vê uma forma de fazer com que as pessoas se sintam atraídas pela praça novamente.

... eu acho que realmente ela tá esquecida mesmo, mas eu não vejo assim também um jeito de chamar as pessoas pra Praça não.<sup>36</sup>

A praça como o melhor local de lazer, diversão e espaço social que é lembrado por quem viveu em outros tempos, não é reconhecido dessa forma por Alice que não o viveu, e que tem à sua disposição na cidade em que mora, cinemas, shopping, boates, churrascarias, lanchonetes e restaurantes para gostos e bolsos diferentes. Mas para Alice não é só essa variedade de opções que distancia as pessoas da Praça.

... tá todo mundo numa correria. Aí cê vai vim pra Praça fazer o quê, ninguém tem tempo de ficar conversando, cada um tem que correr com sua vida...<sup>37</sup>

O corre-corre cotidiano, faz com que as pessoas estejam sempre preocupadas consigo mesmas, talvez seja correto dizer que o individualismo, a forma que cada um encontra para “correr com sua vida” não deixa espaço ou faz com que não tenhamos mais tempo para uma boa conversa ou para se “jogar conversa fora”.

O Sr. Francino, que durante dez anos que frequenta a praça, também nota diferenças no modo de agir das pessoas. Ele consegue perceber que antes o número de pessoas que iam para a praça era maior e além disso, percebe que o ritmo de vida das pessoas também alterou.

Então assim o modo do povo, parece que hoje é mais corrido mais disparado, aqui ficava muito velho aqui, muito povo aqui. Parece que é gente desses prédios aí, toda manhã eles tava aí, fazia aí, encontrar os amigos, né? (...) Porque eles eram amigos aí, a gente vinha pro papo deles. (...) Morava tudo por aí, todo dia eles vinham encontrar aqui...<sup>38</sup>

<sup>36</sup> Idem.

<sup>37</sup> Idem.

<sup>38</sup> Francino Dias Damasceno, conforme citado anteriormente.

Para Sueli, essa praça é bastante movimentada e diz que esse movimento é mais devido ao ponto de ônibus que há ali, e que por ser tão movimentada e as pessoas estarem sempre muito ligadas ao seu trabalho, passam pela praça sempre muito desapercibidas, e por estar sempre preocupadas com os seus problemas, muitas vezes não reparam na beleza da praça.

É tudo um corre-corre mesmo! (...) Eu vejo agora que eu tô aqui, mas é igual eu tô falando, a pessoa passa aqui e nem observa que planta que tem ali, que flor, o formato daquela flor... (...) Não percebe não! Muito raro cê vê alguém... parar e prestar atenção em algum detalhe, alguma coisa, e isso é em qualquer praça, em qualquer rua, em qualquer lugar, as pessoas tá tendo uma vida muito corrida.<sup>39</sup>

O fato das pessoas estarem tendo uma vida mais corrida, além de impedir que as pessoas vejam a beleza nas coisas e sejam mais atenciosas, para ela também é um dos fatores que afastaram as crianças do ambiente da praça.

Segundo ela, hoje muitas mães precisam trabalhar fora e por isso colocam as crianças mais cedo na escola ou sempre buscam alguns afazeres para os filhos, o que ocupa o tempo que as crianças poderiam estar brincando.

Na fala de Sueli, ela sempre se refere à correria da cidade grande, como a responsável para que as pessoas tenham deixado de ter uma vida, mais calma e cheia de lazer.

E a mãe também trabalha, já não tem tempo de ficar, levando numa praça pra conviver com outras crianças... Então é muito difícil hoje em dia, principalmente cidade grande, é muito corrido.<sup>40</sup>

Ao invés de levar o filho para a praça, que para Sueli é um tanto perigoso por ser uma cidade grande em que se vive com medo, as mães preferem que o filhos façam outros tipos de atividade, mesmo porque, não confiam mais em deixá-los sozinhos na praça.

<sup>39</sup> Sueli Regina Paula do Carmo, conforme citado anteriormente.

<sup>40</sup> Idem.

Eu acredito que seja porque é uma cidade grande e se torna perigoso. Todo mundo vive com medo. (...) Por mais que ela seja grande, que possa andar, mas ninguém confia em deixar uma criança solta pra ficar brincando. E nem tem tempo, hoje em dia é tudo muito corrido, principalmente numa cidade grande. Põe o menino é numa academia, numa aula de inglês... o tempo dele já é todo escasso, lazer mesmo...<sup>41</sup>

Talvez essa “*correria da cidade grande*” que é tão enfatizada por Sueli, faça mesmo com que as pessoas adultas, já não tenham tempo para irem para a praça como uma opção de lazer. Sueli deixa oculto em sua fala, que esses adultos tão envolvidos com a aquisição de bens materiais, ao invés de levar os filhos para a praça colocam-os em uma academia, em um curso de informática, em um curso de inglês, pois assim estão garantindo o futuro dos filhos, que certamente já têm na infância uma definição do que pretendem ser quando adultos.

É possível perceber que cada entrevistado vive uma situação diferente e por isso têm pontos de vista diferentes sobre a praça. Mas cada um deles, com seu modo de pensar, contando o que vivem ou vêem na praça, contribuiu para que fosse possível fazer um aparato geral, de como está a Praça Tubal Vilela atualmente e mostrar qual a realidade econômica e social da cidade que ela expressa.

---

<sup>41</sup> Idem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Ao cursar a Disciplina Métodos e Técnicas de Pesquisa em História, decidi que meu Projeto de Pesquisa teria como tema a Praça Tubal Vilela.

A partir de então, com o auxílio de meu Orientador começamos a delimitar o tema e escolher o quê e como trabalhar.

Desde o primeiro momento aprendi muito com esse trabalho de pesquisa, pois ele me possibilitou colocar em prática o conhecimento que já tinha adquirido ao longo do curso.

Apesar de ter escutado tantos comentários interessantes de alguns professores, relacionados ao trabalho com entrevistas, nunca podia imaginar o quanto fazer uma entrevista podia ser enriquecedor, pois além das informações que usamos no trabalho, muitas outras guardamos como aprendizagem de vida, uma aprendizagem apaixonante.

Em algumas entrevistas realizadas encontrei dificuldades. Algumas pessoas pareciam ter receio de falar da praça a alguém que não conheciam, outras tinham dificuldade em expressar o que queriam dizer, e essas situações algumas vezes impediram que a conversa fosse mais prolongada e consequentemente deixasse de ter desdobramentos importantes.

A minha falta de experiência também deve ser ressaltada, mesmo porque, em algumas entrevistas, era eu quem ficava sem palavras e sem saber o que mais questionar e como questionar. Por mais que eu tenha me dado muito bem com todas as pessoas entrevistadas, acredito que se eu tivesse uma maior experiência, poderia ter conseguido ainda mais informações.

Mas também tive entrevistados tão desembaraçados que me deixavam sem palavras. Me falavam abertamente suas opiniões e sentimentos sem nenhum receio, ou seja, falavam de um forma muito clara, de tudo que se lembravam e viveram na praça. Além disso, tive contato com pessoas que são exemplos de vida, que contaram histórias que me deixou impressionada.

Foi possível constatar que a praça ainda é uma referência no modo de viver dos moradores, onde se podia e pode encontrar práticas de lazer, de espera, de diversão, de circulação, de passagem, dentre outras.

Isso pôde ser percebido na forma como os entrevistados descreviam os espaços físicos e compunham significados para a praça, ao falarem do antigamente e do hoje, um ligado ao passado e o outro ao que é visto na praça no presente. Muitas vezes ao falarem de suas lembranças, demonstraram tristeza e decepção, chocavam-se com as mudanças que ocorreram na praça, relacionadas às práticas que viveram no local.

Diante de todas as entrevistas, procurei não comparar uma memória com outra e nem me deixei levar pelas lembranças tristes de uma pessoa, que podiam não corresponder com as de outra, mas sim, entender a partir desses depoentes as transformações sociais pelas quais passou e vem passando a praça e o que ficou guardado em suas memórias.

## **FONTES**

### **Imprensa:**

**CORREIO DE UBERLÂNDIA**, Uberlândia: exemplar do dia 30 de março de 2001.

### **FONTES ORAIS:**

#### **Depoimentos Realizados na Pesquisa:**

**Cláudia Guimarães**. Nascida em Monte Carmelo, mora em Uberlândia há dezenove anos e há nove anos, trabalha em uma das Bancas de Revista da praça, que é de propriedade do seu esposo, mas que já é da família há vinte anos. A entrevista foi realizada na banca de revista, no dia 19/02/2002 .Fita nº 01/11.

**Idelva Aparecida da Cruz**, 27 anos, nascida em Uberlândia. Trabalha há cinco anos como vendedora, na Livraria Espírita Chico Xavier. Esta livraria é móvel, ou seja, é montada dentro de um ônibus, que segundo ela a mais ou menos dezoito anos está estacionado na Praça Tubal Vilela. A entrevista foi realizada no seu local de trabalho, no dia 19/02/2002. Fita nº 02/11.

**Ari Martins de Oliveira**, 67 anos. Reside no Bairro Brasil. Sempre trabalhou como motorista de caminhão mas atualmente é aposentado. A entrevista foi realizada na Praça Tubal Vilela, no dia 27/03/2002. Fita nº 03/11.

**Antônio Moisés Fussa**, 56 anos. Reside no Bairro Jardim Patrícia e trabalha na Praça Tubal Vilela há vinte anos, como vendedor de pipoca. A entrevista foi realizada na própria praça, no dia 27/03/2002. Fita nº 04/11.

**Edna Aparecida Pereira**, 41 anos. Nascida em Pitangueiras no Estado de São Paulo, veio para Uberlândia em 1986. Atualmente reside no Bairro Tocantins. Trabalha na Praça Tubal Vilela há dois anos, vendendo vale transporte e Azulzinha (jogo). A entrevista foi realizada na própria praça, no dia 27/03/2002. Fita nº 05/11.

**Sueli Regina Paula do Carmo**. Nascida em Itumbiara Estado de Goiás, mora em Uberlândia há nove anos e reside atualmente no Bairro Martins. A mais ou menos três meses, trabalha na Praça Tubal Vilela vendendo Azulzinha (jogo). A entrevista foi realizada na própria praça, no dia 25/05/2002. Fita nº 06/11.

**Ruilon**, 52 anos. É do Estado da Bahia e atualmente mora em Uberlândia. Há um ano e oito meses trabalha na Praça Tubal Vilela, como vendedor de picolé. A entrevista foi realizada na própria praça, no dia 25/05/2002. Fita nº 06/11.

**João Carlos da Silva**, 64 anos. Mora em Uberlândia desde 1955, atualmente reside no centro da cidade. Há 39 anos trabalha como motorista, em um dos pontos de taxi da Praça Tubal Vilela. A entrevista foi realizada no seu local de trabalho, no dia 26/05/2002. Fita nº 07/11.

**Marina Pereira Neclides**, 42 anos. Reside no Bairro Nossa Senhora das Graças. É Cigana e há onze anos, lê a sorte dos passantes da Praça Tubal Vilela. A entrevista foi realizada na própria praça, no dia 28/05/2002. Fita nº 08/11.

**Odilon Felipe Oliveira**, 70 anos. Conhece a Praça Tubal Vilela desde 1954. Atualmente é aposentado. A entrevista foi realizada na própria praça, no dia 28/05/2002. Fita nº 09/11.

**Antônio José de Souza**, 78 anos. Reside em Uberlândia há 25 anos. Foi motorista de caminhão e atualmente é aposentado. A entrevista foi realizada na Praça Tubal Vilela, no dia 28/05/2002. Fita nº 09/11.

**Alice Pereira Santos**, 29 anos. Empregada Doméstica. Trabalha em um apartamento próximo à praça há 2 anos. Reside no Bairro Tocantins e é usuária do ponto de ônibus da Praça Tubal Vilela. A entrevista foi feita na própria praça, no dia 28/05/2002. Fita nº 10/11.

**Francino Dias Damasceno**, 77 anos. É nascido no município de Patrocínio, sempre morou e trabalhou na fazenda onde foi criado. Hoje é aposentado. A entrevista foi realizada na Praça Tubal Vilela, no dia 18/06/2002. Fita nº 11/11.

**BIBLIOGRAFIA:**

CALVO, Célia Rocha. *Muitas Memórias e Histórias de uma Cidade: Experiências e Lembranças de Viveres Urbanos – Uberlândia 1938-1990*. São Paulo: Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Estudos Pós-Graduados em História Social, PUC – SP, 2001.

GUERRA, Maria Eliza Alves. *As Praças Modernas de João Jorge Coury no Triângulo Mineiro*. São Carlos: Dissertação de Mestrado. Escola de Engenharia de São Carlos – USP, 1998.

KHOURY, Yara Aun. “Narrativas Orais na Investigação da História Social”. In: *Revista Projeto História* do Programa de Estudos Pós Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP. São Paulo: EDUC, nº 23, 1997.

MACHADO, Maria Clara T. *A disciplinarização da pobreza no espaço urbano burguês: Assistência Social Institucionalizada – Uberlândia 1965-1980*. São Paulo: Dissertação de Mestrado em História apresentada ao FFLCH/USP, 1990.

OLIVEIRA, Antoniette Camargo de. “Um espaço de referência em meu Bairro”. In: *Cadernos de História*. Publicação do Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História do Instituto de História – UFU. v. 01, nº 08, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, março, 1999/2000.

PORTELLI, A. “A Filosofia e os Fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais”. In: *Revista Projeto História* do Programa de Estudos Pós Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP. São Paulo, nº 14, 1997.

\_\_\_\_\_. Forma e Significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade”. In: **Revista Projeto História** do Programa de Estudos Pós Graduated em História e do Departamento de História da PUC/SP. São Paulo, nº 14, 1997.

\_\_\_\_\_. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum”. In: FERREIRA, Marieta M & AMADO, Janaina (org). **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

\_\_\_\_\_. O que faz a história oral diferente”. In: **Revista Projeto História** do Programa de Estudos Pós Graduated em História e do Departamento de História da PUC/SP. São Paulo: EDUC, nº 14, 1997.

\_\_\_\_\_. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral”. In: **Revista Projeto História** do Programa de Estudos Pós Graduated em História e do Departamento de História da PUC/SP *Ética e História Oral*. São Paulo: EDUC, nº 15 1995.

\_\_\_\_\_. História Oral como Gênero”. In: **Revista Projeto História** do Programa de Estudos Pós Graduated em História e do Departamento de História da PUC/SP. São Paulo: EDUC, nº 15, 1997.

\_\_\_\_\_. Alessandro Portelli”. In: **Revista Projeto História** do Programa de Estudos Pós Graduated em História e do Departamento de História da PUC/SP *Ética e História Oral*. São Paulo: EDUC, nº 15 1995.

RODRIGUES, Jane de Fátima Silva. “Nas sendas do Progresso: Trabalho e disciplina. Uberlândia, um percurso histórico”. In: **Cadernos de História Especial**. Publicação do Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História do Departamento de História – UFU. nº 4. v. 4. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, jan. 1993.

SOARES, Beatriz Ribeiro. “Uberlândia: Anotações sobre o seu crescimento urbano”. In: *Cadernos de História Especial*. Publicação do Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História do Departamento de História – UFU. nº 4 v. 4. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, jan. 1993.

THOMSON, Alistair. “Recompondo a Memória: Questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias”. In: *Revista Projeto História* do Programa de Estudos Pós Graduated em História e do Departamento de História da PUC/SP *Ética e História Oral*. São Paulo: EDUC, nº 15 1995.

\_\_\_\_\_. Alistair Thomsom”. In: *Revista Projeto História* do Programa de Estudos Pós Graduated em História e do Departamento de História da PUC/SP *Ética e História Oral*. São Paulo: EDUC, nº 15 1995.

VOLDMAN, Danièle. “A invenção do depoimento oral”. In: FERREIRA, Marieta M. e AMADO, Janaina (org). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2º ed., 1998.